

CAMPANHA RIO SÃO FRANCISCO PATRIMÔNIO MUNDIAL

EXPEDIÇÃO ENGENHEIRO HALFELD

ETAPA ALTO SÃO FRANCISCO

RELATÓRIO DE PESQUISA DE CAMPO

MÁRCIO SANTOS

AGOSTO DE 2002

Este relatório foi elaborado exclusivamente para subsidiar dossiê a ser encaminhado à UNESCO com a proposta de se declarar patrimônio cultural da humanidade o acervo histórico, artístico e natural do entorno do Rio São Francisco. Qualquer outra utilização do texto, de partes do texto ou de informações e dados nele contidos deverá ser obrigatoriamente precedida de prévia e expressa autorização do autor.

Advertência: Os capítulos *Apresentação* e *Considerações Gerais* do presente relatório repetem, com modificações e atualizações de dados e informações, o texto dos capítulos homônimos do relatório da primeira etapa da Expedição Engenheiro Halfeld.

ÍNDICE

Apresentação 3

Considerações Gerais 6

Formação Histórica 11

Patrimônio Histórico e Artístico 14

Patrimônio Arqueológico e Paleontológico 30

Patrimônio Cultural Imaterial 33

Meio Ambiente 35

Embarcações, Navegação e Usina Hidrelétrica 45

Aspectos Sociais 47

O que faltou 49

Bibliografia 51

Anexo – Qualificação do Autor 54

APRESENTAÇÃO

O presente texto constitui um relatório, de caráter pessoal, das pesquisas de campo realizadas durante a segunda etapa da viagem técnica denominada Expedição Engenheiro Halfeld, ocorrida entre 28 de junho e 11 de julho de 2002, quando foi percorrida a região do Alto São Francisco, localizada entre os municípios mineiros de São Roque de Minas, onde está a nascente do rio, e Pirapora. A realização dessa segunda etapa da Expedição completa a pesquisa realizada em outubro e novembro de 2001, quando foram percorridos os trechos do Médio, Submédio e Baixo São Francisco, entre Pirapora e a foz do rio, situada no município alagoano de Piaçabuçu.

As duas etapas da Expedição Engenheiro Halfeld estão entre as principais ações desenvolvidas no bojo da Campanha Rio São Francisco Patrimônio Cultural da Humanidade. O objetivo principal das duas viagens foi a pesquisa e a documentação dos bens de valor histórico, artístico, cultural e natural existentes ao longo do rio e no seu entorno e a mobilização das populações ribeirinhas em defesa das águas do São Francisco e do rico patrimônio presente nos núcleos urbanos que se distribuem às suas margens. O material coletado será organizado em relatórios técnicos, para constituir, em 2002, o dossiê que será encaminhado à Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - Unesco -, com a proposta de se declararem patrimônio da humanidade os bens históricos, artísticos, culturais e naturais do rio São Francisco.

A Campanha é realizada pela Confederação das Associações Comerciais do Brasil e executada pela Federação das Associações Comerciais, Industriais, Agropecuárias e de Serviços do Estado de Minas Gerais – Federaminas –, contando com o apoio de diversas instituições públicas, dentre elas a Petrobras, o Ibama, o Governo de Pernambuco e o Ministério da Integração Nacional.

A segunda viagem técnica foi integrada por equipe multidisciplinar composta por um pesquisador das áreas de história e patrimônio cultural, um ambientalista, um navegador, um cinegrafista, um fotógrafo, um guia de terra, um piloto, dois profissionais de apoio e, eventualmente, por um dos coordenadores da Campanha, pela Rede Marketing e Comunicação, empresa de comunicação de Belo Horizonte que a organiza.

Ao contrário da primeira viagem, a segunda etapa da Expedição Engenheiro Halfeld caracterizou-se pela grande utilização do transporte terrestre nos trajetos entre as cidades pesquisadas, o que se explica tanto pelas limitadas condições de navegação do Alto São Francisco, especialmente entre a nascente e a região de Iguatama, quanto pelo fato de que muitas dessas cidades estão situadas fora das áreas marginais do rio. Há que se ressaltar, não obstante, que alguns longos e importantes trechos fluviais foram percorridos e documentados pela equipe.

Ao final dos 14 dias de viagem, foi pesquisada grande parte dos municípios banhados pelo Alto São Francisco. Oito cidades, um povoado, áreas rurais e regiões naturais foram visitadas pelas equipes de pesquisa e documentação, computando-se quase meia centena de bens históricos, artísticos, culturais e naturais registrados durante a viagem.¹

O autor deste relatório encarregou-se das pesquisas de cunho histórico, bem como da prospecção e avaliação preliminar dos bens relevantes para o projeto. O principal método de registro utilizado foi o das gravações em áudio, realizadas *in loco*, para o que foi utilizado um minigravador. Subsidiariamente, foram feitas também anotações escritas. Foram feitos ainda, pelo autor, cerca de 170 registros fotográficos, para uso pessoal.

O acervo principal de registros, após a transcrição, passou a constituir pormenorizado diário da participação do pesquisador na Expedição. Esse diário

inclui informações de cunho geral, dados, entrevistas, referências pessoais e impressões livres de viagem. Aliado aos registros escritos, à bibliografia impressa e eletrônica consultada e às fotografias, o diário foi o elemento principal para a elaboração do presente relatório, que, espera-se, tenha, ao fim e ao cabo, abrangido boa parte do que foi a segunda etapa da Expedição Engenheiro Halfeld.

É de se ressaltar que as áreas de avaliação técnica do patrimônio histórico e artístico e de condições e problemas ambientais, ainda que guardem estreita relação com o trabalho de pesquisa desenvolvido pelo autor deste relatório, não constituem o foco principal da sua atividade. As informações colhidas *in loco* sobre as edificações, monumentos e objetos de valor histórico e artístico originaram-se de uma avaliação intuitiva deste pesquisador, enriquecida, não obstante, pela sua experiência no trato com o patrimônio cultural, adquirida em outros projetos de pesquisa semelhantes.

No campo da pesquisa histórica do povoamento das regiões banhadas pelo rio São Francisco, área de trabalho específica do autor deste relatório, foi de grande importância a realização da segunda etapa da Expedição. Vários dos núcleos urbanos pesquisados nasceram no bojo da primeira onda colonial de ocupação do entorno do Alto São Francisco e guardam valiosos vestígios desse processo de expansão.

Deve-se, ainda, ressaltar que a realização da segunda viagem de pesquisa técnica do rio São Francisco e do seu entorno consolida o trabalho iniciado na primeira etapa da Expedição Engenheiro Halfeld. A Campanha Rio São Francisco Patrimônio Mundial passa a contar, assim, com um vasto banco de dados e imagens sobre o patrimônio cultural e natural do rio e do seu entorno, que deverá constituir peça central no dossiê a ser encaminhado à Unesco no próximo ano.

¹ Na identificação desses bens ao longo do presente relatório foram seguidas, onde foi possível, as denominações oficiais constantes dos bancos de dados dos órgãos governamentais consultados.

CONSIDERAÇÕES GERAIS

O rio São Francisco estende-se, entre a nascente, localizada na Serra da Canastra, no município mineiro de São Roque de Minas, e a foz, situada entre os estados de Alagoas e Sergipe, nas proximidades da cidade alagoana de Piaçabuçu, por aproximadamente 2.700 quilômetros². Ao longo do seu curso o rio banha municípios dos estados de Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe. Já o vale do rio inclui, além dos estados citados, o estado de Goiás e o Distrito Federal. Os seis estados e o Distrito Federal abrigam, assim, a Bacia do São Francisco, que constitui a terceira bacia hidrográfica do Brasil com relação à área e é a única totalmente brasileira.

A bacia do rio tem uma superfície de aproximadamente 640 mil quilômetros quadrados, habitada por cerca de 15,5 milhões de pessoas, distribuídas por 503 municípios. Dessa área, 36,8% estão na região Sudeste (Minas Gerais), 62,5% nos estados nordestinos e apenas 0,7% na região Centro-Oeste (Goiás e Distrito Federal). Dentre as sete unidades da Federação, a Bahia é o que possui maior área compreendida no vale do rio.

O rio São Francisco possui 36 afluentes de porte significativo, dos quais apenas 19 são perenes. Os principais tributários são, pela margem direita, os rios Paraopeba, das Velhas, Jequitai e Verde Grande e, pela margem esquerda, os rios Paracatu, Urucuia, Carinhanha, Corrente e Grande. Em geral os afluentes da margem direita, que nascem em terrenos cristalinos, possuem águas mais claras, enquanto os da margem esquerda, vindos de terrenos sedimentares, são mais barrentos.

² Foi considerado o dado fornecido pela Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco – CODEVASF - e pelo Ministério do Meio Ambiente. Estudos como *O Homem no Vale do São Francisco*, de Donald Pierson, e publicações de referência, como o *Almanaque Abril*, dão cifras diferentes: 3.161 quilômetros para o primeiro e 3.160 para o segundo. <http://www.codevasf.gov.br>. <http://www.mma.gov.br>. Pierson, *O Homem no Vale do São Francisco*, I, p. 29. *Almanaque Abril Edição Brasil 2001*, p. 160.

A Bacia do São Francisco pode ser esquematicamente dividida, do ponto de vista **físico**, a partir de diversos critérios. Um resumo das divisões que já foram propostas foi feito pelo pesquisador Donald Pierson³ no final da década de 50 do século XX, ou seja, bem antes da construção das barragens contemporâneas. Após a construção das represas de Três Marias, Sobradinho, Itaparica, Paulo Afonso e Xingó, que alteraram significativamente o perfil geográfico do rio, a divisão mais comum das regiões fisiográficas do São Francisco é a seguinte⁴:

Alto São Francisco. Estende-se da nascente até a cidade mineira de Pirapora, abrangendo as sub-bacias dos rios das Velhas, Pará, Indaiá, Abaeté e Jequitaí. O divisor a leste é formado pelas montanhas da Serra do Espinhaço e a oeste pela Serra Geral de Goiás. Esta região está, portanto, inteiramente contida no estado de Minas Gerais. A topografia é ligeiramente acidentada, com serras e terrenos ondulados e altitudes de 600 a 1.600 metros. A vegetação é de florestas e cerrados, o índice pluviométrico é alto e a temperatura amena, registrando média anual de 23°C. A região é classificada como tropical úmida e, em algumas partes, temperada. As principais cidades são as integrantes da Região Metropolitana de Belo Horizonte e Patos de Minas. No Alto São Francisco está a Usina Hidrelétrica de Três Marias.

Médio São Francisco. Compreende o trecho entre Pirapora e a cidade baiana de Remanso, incluindo as sub-bacias dos afluentes Paracatu, Urucuia, Carinhanha, Corrente, Verde Grande, Grande, Paramirim, Pilão Arcado e Jacaré. O divisor a leste é a Chapada Diamantina. A oeste, a divisão se faz pela Serra Geral de Goiás e pela Serra da Tabatinga. A região está incluída nos estados de Minas Gerais e Bahia. A topografia é caracterizada pelas planícies da Depressão São Franciscana, com altitudes que variam entre 500 e 2.000 metros. A vegetação é dos tipos cerrado e caatinga, salvo algumas pequenas matas serranas. A margem esquerda do rio nesta região é úmida, com rios permanentes e vegetação

³ Pierson, *op.cit.*, I, p. 36-7.

⁴ A identificação e caracterização das regiões foi obtida no *website* da CODEVASF: <http://www.codevasf.gov.br>

perenifólia; na margem direita a precipitação é menor, com rios intermitentes e vegetação típica de caatinga. A temperatura média anual é de 24°C. As condições físicas permitem caracterizar a região como tropical semi-árida. As principais cidades são Montes Claros e Januária, em Minas Gerais; Formosa, em Goiás; Barreiras, Guanambi, Irecê e Bom Jesus da Lapa, na Bahia; e Brasília, no Distrito Federal. Esta região permite ainda uma subdivisão, em trecho Médio Superior, de Pirapora até a fronteira entre Minas Gerais e Bahia (rios Carinhanha e Verde Grande), e trecho Médio Inferior, dessa fronteira até a cidade de Remanso. A primeira sub-região tem características mais próximas das do Alto São Francisco do que do Médio, onde está inserida.

Submédio São Francisco. Estende-se de Remanso até a cidade baiana de Paulo Afonso, incluindo as sub-bacias dos rios Pajeú, Tourão, Vargem e Moxotó. É limitada ao norte pela Chapada Cretácea do Araripe e pela Serra dos Cariris e ao sul pelo Raso da Catarina, abrangendo áreas dos estados da Bahia e Pernambuco. A topografia é ondulada, com vales muito abertos e altitudes entre 200 e 800 metros. A caatinga predomina em praticamente toda a região, que tem baixa pluviosidade e temperatura média anual de 27°C, permitindo caracterizá-la como tipicamente semi-árida. As principais cidades são Juazeiro e Paulo Afonso, na Bahia; e Petrolina, Ouricuri e Serra Talhada, em Pernambuco.

Baixo São Francisco. Estende-se de Paulo Afonso à foz, englobando as sub-bacias dos rios Ipanema e Capivara. Situa-se em áreas dos estados da Bahia, Pernambuco, Sergipe e Alagoas. São características as serras, os tabuleiros e a planície costeira. As altitudes variam entre o nível do mar e 200 metros, embora, na periferia, algumas serras atinjam 500 metros. A vegetação é de dois tipos: caatinga no trecho mais alto e mata na região costeira. Uma peculiaridade desta região, do ponto de vista físico, é a ocorrência de chuvas no inverno, ao contrário das demais regiões do vale. A temperatura média anual é de 25°C e a região é caracteristicamente tropical semi-úmida. As suas principais cidades são

Jeremoabo, na Bahia; Pesqueira e Bom Conselho, em Pernambuco; Propriá e Nossa Senhora da Glória, em Sergipe; e Arapiraca e Penedo, em Alagoas.

O clima do vale sofre a influência de diferentes massas de ar, com baixo índice de nebulosidade e, conseqüentemente, grande incidência de radiação solar. Todo o vale apresenta um período anual seco bem marcado. Os valores mais altos de precipitação anual, da ordem de 1.500 mm, ocorrem nas nascentes e os mais baixos, de cerca de 350 mm, entre Sento Sé e Paulo Afonso.

Do ponto de vista **histórico**, o vale do rio pode ser dividido em regiões distintas das citadas acima, considerando-se o processo de ocupação humana no período colonial. A este respeito, Euclides da Cunha ensaiou uma divisão:

...o S. Francisco foi, nas altas cabeceiras, a sede essencial da agitação mineira; no curso inferior, o teatro das missões; e, na região média, a terra clássica do regímen pastoril, único compatível com a situação econômica e social da colônia.

Bateram-lhe por igual as margens o *bandeirante*, o *jesuíta* e o *vaqueiro*.⁵

Teríamos, assim, três grandes regiões históricas no rio, para as quais o autor deste relatório propõe os limites especificados abaixo:

Trecho superior. Compreende a região limitada pela nascente e pela cidade de Pirapora. Nessa zona foi primordial a ação dos bandeirantes paulistas exploradores de ouro e de pedras preciosas, que a ocuparam vindos especialmente das vilas do vale do Paraíba do Sul e de São Paulo de Piratininga, chegando ao vale do São Francisco por duas rotas principais. Uma delas seguia pelo sudoeste do que hoje é o estado de Minas Gerais, cortando o rio Grande no seu curso superior e daí chegando ao Alto São Francisco. A outra se estabeleceu a partir da região mineradora da antiga Vila Real do Sabará, de onde os exploradores seguiam pelo vale do rio das Velhas para chegar ao São Francisco na zona do encontro dos dois rios, hoje Guaicuí, distrito de Várzea da Palma.

⁵ Euclides da Cunha, *Os Sertões*, p. 129.

Trecho médio. Segue de Pirapora até a cidade pernambucana de Juazeiro. Este trecho constituiu o que no passado se chamou “rio dos currais”, região de ocupação pecuária, voltada para o fornecimento de carne bovina para os núcleos mineradores do centro-sul da antiga capitania das Minas Gerais. O papel decisivo da região pecuária do São Francisco no abastecimento da capitania mineradora tem sido ressaltado por diversos historiadores. Este trecho foi ainda de fundamental importância por ter representado, no final do século XVII e na primeira metade do XVIII, a via fluvial de condução do caminho terrestre então conhecido como Caminho da Bahia, ou do São Francisco, ou ainda dos Currais. O caminho seguia pelas margens do rio, promovendo a ligação mercantil entre as vilas do ouro e do diamante, as fazendas de gado da região e o porto de Salvador.

Trecho inferior. Abrange a região compreendida entre Juazeiro e a foz. Constitui área de ocupação empreendida principalmente pelos missionários católicos, que estabeleceram missões religiosas ao longo do rio. Nesse processo de ocupação os colonizadores partiram da foz e enveredaram pelo desconhecido interior brasileiro, tendo o rio como via condutora e os nativos indígenas como “rebanho” a ser catequizado e mão-de-obra para a construção das missões.

Quanto à situação administrativa do vale do São Francisco, cabem algumas informações. Além da Codevasf, atuam no rio São Francisco diversas instituições federais. Destacam-se a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa –, o Departamento Nacional de Obras Contra as Secas – DNOCS –, a Companhia Hidroelétrica do São Francisco – Chesf – e a Companhia de Navegação do São Francisco – Franave.

Outras entidades, de caráter multidisciplinar, podem também ser citadas. São o Comitê Executivo de Estudos Integrados da Bacia Hidrográfica do São Francisco – Ceeivasf –, a Comissão Interestadual Parlamentar de Estudos para o Desenvolvimento Sustentável da Bacia do Rio São Francisco – Cipe-São

Francisco –, a União das Prefeituras do Vale do São Francisco – Univale – e o Instituto Manoel Novaes para o Desenvolvimento da Bacia do São Francisco – Iman.

A inscrição dos bens históricos, artísticos, culturais e naturais do rio São Francisco e do seu entorno como patrimônio cultural da humanidade acrescentará um item à Lista do Patrimônio Mundial da Unesco. São hoje 730 bens inscritos na Lista, sendo 563 de natureza cultural, 144 de cunho natural e 23 de natureza mista. Esses bens estão distribuídos em 125 países, dentre os quais o Brasil, que tem 17 locais declarados patrimônio da humanidade.

A Expedição Engenheiro Halfeld recebeu esse nome em homenagem ao engenheiro alemão Henrique Guilherme Fernando Halfeld, responsável pelo primeiro estudo técnico elaborado sobre o rio, trabalho solicitado pelo imperador D. Pedro II e resultante de viagem de pesquisa que o estudioso realizou pelo Médio e Baixo São Francisco entre 1852 e 1854. Dessa viagem resultou detalhado relatório denominado *Atlas e Relatório Concernente a Exploração do Rio de S. Francisco, desde a Cachoeira da Pirapora até o Oceano Atlântico*, obra amplamente utilizada, dentre outras, durante a expedição contemporânea.

Na segunda viagem de pesquisa, ora relatada, manteve-se, em razão da necessária unidade do projeto, o nome original da expedição, ainda que o Alto São Francisco não tenha sido percorrido pelo engenheiro Henrique Halfeld.

Além da pesquisa, o autor deste relatório encarregou-se da divulgação da Campanha Rio São Francisco Patrimônio Mundial e da Expedição Engenheiro Halfeld por meio de palestras proferidas durante o evento *O Empreendedorismo e a Revitalização do São Francisco*, promovido pela Federaminas nas cidades de

Iguatama (1° de julho), Piumhi (2 de julho), Abaeté (5 de julho), Três Marias (9 de julho) e Pirapora (11 e 12 de julho).⁶

Durante a viagem foram plotadas, por meio de aparelho GPS, as coordenadas geográficas de cada ponto relevante para a pesquisa, uma das exigências da Unesco para a análise do dossiê.

Os principais veículos de transporte utilizados nos percursos terrestres foram uma *pickup* com tração nas quatro rodas, de propriedade da empresa de ecoturismo Terra Nossa, de Belo Horizonte, e dois automóveis comuns. Nos trechos percorridos por via fluvial foram utilizados dois barcos pequenos, de propriedade do navegador Luiz Eduardo Corrêa e do piloto Antônio Marcelo Santos.

⁶ Na última cidade a exposição da Campanha ficou a cargo também de Américo Antunes e Guilherme Minassa, coordenadores do projeto pela Rede Marketing Comunicação.

FORMAÇÃO HISTÓRICA

Três cidades foram escolhidas para serem caracterizadas historicamente neste capítulo do relatório. Independentemente da sua posição demográfica e econômica atual no conjunto das localidades ribeirinhas, essas cidades foram selecionadas pela importância que tiveram nos primórdios da colonização do Alto São Francisco, quando foram núcleos urbanos que centralizaram e possibilitaram a expansão do povoamento branco da região.

Iguatama

O surgimento do arraial está ligado ao estabelecimento, na primeira metade do século XVIII, de um posto fiscal na margem direita do rio São Francisco, erguido no local hoje ocupado pelo prédio conhecido em Iguatama como "casa da ponte". Em meados do século fixa-se ali o primeiro morador, encarregado de fiscalizar a travessia de pessoas e animais e de cobrar os tributos reais. O local tem então o nome de Porto Real do São Francisco. Em 1767 essa área passa a compor uma das oito sesmarias de propriedade do mestre-de-campo Ignácio Correia Pamplona, que realiza a primeira entrada no sertão da margem direita do rio São Francisco.⁷ A essa incursão no território sucedem a instalação de fazendas de gado e de um pouso para as tropas de muares e boiadas que transitavam entre as capitâneas das Minas Gerais e de Goiás.

O estabelecimento de outros moradores nas imediações leva à edificação da primeira capela, dedicada a Nossa Senhora da Abadia. Alguns anos mais tarde os moradores resolvem transferir a capela e o povoado para um ponto mais elevado e melhor situado, situação que já está configurada no ano de 1829.

Em 1842 o povoado é elevado a distrito, integrando a circunscrição do município de Formiga. O município de Iguatama é criado em 1943.

Dores do Indaiá

O primeiro movimento de colonização da região onde hoje está o município de Dores do Indaiá data de 1738, quando o sertanista Domingos de Brito, um dos responsáveis pela abertura da Picada de Goiás, recebeu uma sesmaria na beira do caminho, nas proximidades da Serra do Indaiá. Segundo Waldemar de Almeida Barbosa⁸, "ao que parece [Domingos de Brito] não

⁷ Ignácio Pamplona foi também um dos denunciadores do movimento da Inconfidência Mineira às autoridades portuguesas.

⁸ Waldemar de Almeida Barbosa. *História de Dores do Indaiá*, p. 12.

conseguiu manter-se aqui e abandonou suas terras, provavelmente devido às hostilidades dos tapuias".

A ocupação efetiva se dá a partir da segunda metade do século XVIII, quando diversos povoadores se apossam de terras na região. Destacam-se os quatro irmãos Costa Guimarães, que, em 1785, requerem sesmarias no território hoje ocupado pelo município.

Ainda conforme Waldemar de Almeida Barbosa, o antigo arraial da Boa Vista, núcleo urbano do qual a cidade é originária, cresceu em torno da capela dedicada a Nossa Senhora das Dores, erguida nos últimos anos do século XVIII. Em 1805 é criada a Freguesia de Nossa Senhora das Dores, pertencente à jurisdição eclesiástica do Bispado de Pernambuco.

Em 1842 o arraial tem participação ativa no movimento liberal contra a centralização política comandada, no governo imperial, pelo gabinete conservador.

Em 1850 o arraial é elevado a vila, condição que lhe foi, no entanto, retirada um ano depois, por não se terem construído os prédios da câmara e da cadeia. Em 1853 a vila é administrativamente restaurada. Em 1870 a sua sede é transferida para a Freguesia de Nossa Senhora do Patrocínio da Marmelada, antigo nome da cidade de Abaeté, situação que é desfeita dez anos depois, com nova elevação de Dores do Indaiá à condição de vila. Em 1885, torna-se cidade.

Abaeté

Data da década de 30 do século XVIII a penetração dos primeiros sertanistas na região de Abaeté. As primeiras cartas de doação de sesmarias concedidas no território foram expedidas entre 1737 e 1739.

Segundo o historiador José Alves de Oliveira⁹, são de 1745 as primeiras notícias de extração de diamantes na região de Abaeté. No período de 1769 a 1771 grupos organizados de garimpeiros esquadrinharam o território, subindo o rio Abaeté em busca de focos diamantíferos. Na última década do século XVIII é estabelecido o Quartel Geral do Indaiá, posto de policiamento da zona e de proteção dos trabalhos de exploração dos rios. Tratou-se de tentativa do governo colonial de controlar os bandos de garimpeiros que circulavam pela região, dentre os quais se destacava aquele comandado por Isidoro de Amorim Pereira.

⁹ José Alves de Oliveira. *História de Abaeté*, p. 20.

Em 1795 é suspensa a exploração oficial de diamantes na região do rio Abaeté. É desse período, de acordo com José Alves de Oliveira, o achamento do famoso "diamante do Abaeté", pedra que teria mais de 27 gramas e 138 quilates, logo remetida para a Corte portuguesa. Em 1806 é instalada a Real Extração do Indaiá e Abaeté, sediada no Quartel Geral do Indaiá.

O povoamento da região do rio Marmelada intensifica-se nas últimas décadas do século XVIII, com a concessão de diversas sesmarias nas suas margens. Um posto de patrulhamento é instalado pelo governo colonial na foz desse rio.

O início da formação do arraial data da ereção da capela dedicada a Nossa Senhora do Patrocínio, no ano de 1745. Logo surgiram em torno as primeiras casas e uma venda. Em 1864 é criada a Freguesia de Nossa Senhora do Patrocínio da Marmelada e, em 1870, a sede da vila de Dores do Indaiá é para lá transferida, dando-se à nova circunscrição administrativa a denominação de Vila de Dores do Marmelada. Sete anos depois a vila é elevada à categoria de cidade, com o nome de Abaeté.

O naturalista José Vieira Couto, tendo viajado pela região de Dores do Indaiá e de Abaeté no ano de 1800, em expedição de pesquisa mineralógica, sobre ela legou-nos o seguinte comentário:

Eras virão em que os povos correrão em chusmas sobre estas ribanceiras; estes altos barrancos cortados tão a prumo, e tão formosamente fingindo cais, serão um dia decorados de frutíferos jardins: numerosas povoações branquejarão por estas ribeiras; vozes alegres de afortunados habitantes retumbarão onde hoje só reina um profundo silêncio, de vez em quando somente interrompido de feios roncões de tigres, ou de agudos gemidos de tristonhas aves que aqui bordejam: tu serás, ó formoso Rio São Francisco, verdadeiramente *coelo gratissimus amnis*: tu serás enfim conhecido e apreciado, e o Triptólemo que deva chamar sobre tuas afortunadas bordas bárbaras gentes, que deva aí ensinar a lavar e a embelezar a terra, criar o comércio, desterrar a ferocidade, e fazer a vida deleitosa e feliz - este Triptólemo, teu Deus e teus amores, se me não engano, talvez seja já nascido, já em boa hora empunhe o cetro, e sobre ti já lance seus majestosos resguardos.¹⁰

¹⁰ José Vieira Couto. *Memória sobre as minas da Capitania de Minas Gerais*. In José Alves de Oliveira. *História de Abaeté*, pp. 51-2

PATRIMÓNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO

Uma das características que distinguem o Alto São Francisco dos demais grandes trechos do rio, com relação ao patrimônio histórico e artístico existente nos núcleos urbanos e áreas rurais do seu entorno, é o fato de que as edificações antigas tenham sido, nessa região, menos preservadas. Em diversas cidades os prédios históricos foram drasticamente modificados nas suas características arquitetônicas originais ou simplesmente demolidos para dar lugar a construções modernas. Há, por certo, várias exceções. Mas não há dúvida de que dificilmente se encontra, nos núcleos urbanos do Alto São Francisco, a relativa tendência à preservação dos bens históricos e artísticos, que se pôde observar em várias das cidades, vilas e povoados do Médio e do Baixo São Francisco.

Diversas razões, numa primeira análise histórica, podem ser aventadas para explicar esse fato. Um dos fatores decisivos foi, sem dúvida, o ritmo mais acelerado de urbanização e de crescimento econômico que marcou o Alto São Francisco, se comparado às outras grandes regiões ribeirinhas. Enquanto muitos dos núcleos urbanos do Médio e do Baixo São Francisco padeciam de certa decadência ou estagnação econômica, as cidades do Alto São Francisco se desenvolviam rapidamente. Essa expansão, combinada com a ausência de consciência da importância do patrimônio cultural e com a ânsia pelo “novo” que caracterizaram grande parte do século XX, foram determinantes no abandono e na destruição das edificações antigas.

O fato de que o povoamento da região não tenha tido aquela constância e relativa regularidade que marcou as demais regiões ribeirinhas deve ter contribuído igualmente para dificultar a preservação das edificações históricas. Fluxos e refluxos frequentes nas ondas de povoamento certamente não ajudaram a manter intocadas as edificações que se iam erguendo.

Há que se lembrar, por fim, o fato de que no Alto São Francisco há maior número de cidades novas, de formação recente, do que nas duas outras regiões do rio.

Mantém-se na região, por outro lado, a tendência verificada nos núcleos urbanos do Médio e do Baixo São Francisco, de grande diversidade do patrimônio histórico e artístico quanto ao estilo arquitetônico, datação, estado de conservação, finalidade original da construção e proteção legal.

A relação que se segue foi disposta em ordem alfabética de acordo com o município a que pertence cada bem, constituindo um levantamento ainda

preliminar e incompleto do patrimônio histórico e artístico dos núcleos urbanos do Alto São Francisco.

Cabe informar, quanto aos topônimos, que, quando não é citada localidade, distrito, povoado ou vila, o bem localiza-se no distrito-sede do município.

Quando o bem está incluído no catálogo previamente preparado pelos organizadores da Expedição, denominado *Acervos do São Francisco*, a situação é informada em itálico na descrição da edificação. A maioria dos bens arrolados abaixo não está citada nesse catálogo, constituindo unidades que foram agregadas à relação geral a partir da pesquisa de campo.

Abaeté

Igreja de Nossa Senhora do Patrocínio. Bem imóvel. Praça Manoel Saint Clair. A construção data de 1935.

Segundo informa José Alves de Oliveira em *História de Abaeté*, em 1935 o antigo prédio da igreja matriz da cidade, erguido em meados do século XIX, foi demolido para dar lugar à edificação atual. Trata-se de construção moderna, de linhas retas, com uma torre central, sem características arquitetônicas de relevo. O interior do prédio é igualmente moderno. Segundo o agente cultural Valério Lúcio Gabriel, uma extensa reforma na parte interna do templo, conduzida no início da década de 80 do século XX, desfigurou a maior parte dos seus detalhes arquitetônicos e artísticos. Certamente a peça mais importante da igreja é a imagem da padroeira, Nossa Senhora do Patrocínio, que, se correta a informação do *Calendário Paroquial de 2000*, produzido pela paróquia local, foi importada da cidade portuguesa do Porto e doada para a cidade, em 1881, pelo Barão de Caldas. As outras imagens parecem ser posteriores, destacando-se, num armário de vidro na entrada do prédio, a Virgem Maria e o Senhor dos Passos. Há também uma imagem de Nossa Senhora da Aparecida, negra, de madeira, de cerca de 40 centímetros de altura.

Ao lado da igreja, na mesma praça, há um belo coreto.

Casarão do Bar Apogeu. Bem imóvel. Rua Getúlio Vargas, n. 2. Não foi identificada a data da construção.

Trata-se de edificação antiga, de dois pavimentos. Possui piso e teto de madeira original, largas portas de vidro decoradas, escadaria em madeira e metal dourado, portões e gradeamento de metal dourado. A estrutura está intacta e o estado de conservação é bom, mas o prédio foi

parcialmente descaracterizado com a instalação do bar. Duas grandes placas de propaganda de cerveja na entrada do estabelecimento, uma cobertura metálica lateral e portas de aço no pavimento inferior desfizeram parte da harmonia arquitetônica do conjunto da edificação.

Prédio da boate Liberdade Recepções. Bem imóvel. Rua Getúlio Vargas, n. 32. Não foi identificado o período de construção.

A edificação, que já foi ocupada pelo antigo cinema da cidade, teve a fachada preservada, reformada e repintada, mantendo-se o seu estilo neoclássico. Nessa parede frontal foram mantidos os três vãos que eram as portas originais. O restante do prédio é moderno.

Casa. Bem imóvel. Rua Frederico Campos, n. 167, Bairro Marmelada. Não foi identificada a data da construção, mas trata-se de uma das edificações mais antigas da cidade.

A casa foi construída com paredes largas, estacas de madeira recheadas de barro, e grossos batentes nas portas e janelas, todos originais. Na construção utilizaram-se três materiais diferentes, notando-se paredes de pau-a-pique, adobe e tijolo moderno. O telhado de telhas francesas não é original, mas parece ter sido fixado há muito tempo, tendo em vista o seu precário estado de conservação. Há um porão. A casa encontra-se abandonada e bastante avariada. Há risco de desabamento das paredes, especialmente das interiores. O reboco já caiu em extensas seções das paredes, a madeira das estacas e batentes está carcomida. As belas calçadas de pedra contíguas à casa, também originais, estão igualmente em péssimo estado de conservação. Informações locais indicam que essa casa deve ter sido a primeira cadeia pública da cidade. A sua localização, no centro do sítio original de Abaeté, hoje o bairro Marmelada, confirma a antigüidade da construção. A edificação é conhecida na cidade como “casa de Bernardo Mendes”.

Casa. Bem imóvel. Rua Professor Modesto, n. 158. Não foi identificada a data da construção, mas trata-se de uma das edificações mais antigas da cidade. A época de construção parece ser a mesma que a do imóvel registrado anterior.

O padrão de construção é bastante semelhante à da casa de Bernardo Mendes, no mesmo quarteirão: estacas de madeira, batentes das portas e janelas de madeira grossa. O telhado é antigo. O piso em cerâmica vermelha é moderno. O estado de conservação e preservação das características originais da construção é razoável. Essa casa forma, juntamente com a de Bernardo Mendes, o par de edificações antigas que restaram no bairro Marmelada. Uma terceira casa antiga, localizada na entrada do bairro, foi demolida há cerca de dois anos.

Casa. Bem imóvel. Rua Antônio José Pereira, n. 579. Não foi identificada a data da construção. Segundo informações da proprietária, a edificação é mais nova do que as duas casas antigas do bairro Marmelada.

Esta casa, que abriga a residência e uma pequena livraria da Dona Anita Campos Cordeiro, foi construída num padrão bastante semelhante às duas casas antigas do bairro Marmelada. A estrutura está intacta, as portas e janelas possuem batentes originais de madeira maciça e medem cerca de três metros de altura. O telhado é posterior à construção original. O forro do teto é de madeira em alguns cômodos e de esteira de palha em outros. O teto de um dos quartos, sem forro, é abrigo para passarinhos. Na cozinha, imensas vigas de madeira sustentam o teto. O piso original, de jacarandá e vinhático, apresenta algumas ondulações, por efeito da antigüidade. A casa possui 11 cômodos, muitos deles equipados com móveis antigos: camas, cristaleira, cômoda, penteadeira. Na sua parte traseira há um jardim e um pequeno pomar. Na seção inferior das paredes externas da casa foram fixadas bases de concreto, encobrindo o alicerce antigo.

Prédio da Escola Estadual Frederico Zacarias. Bem imóvel. Avenida Simão da Cunha, n. 537. A construção é de 1921.

A edificação foi construída em estilo neoclássico, possuindo ampla fachada frontal, com platibandas. As portas de madeira medem cerca de quatro metros de altura; os janelões de madeira chegam a três metros. O piso moderno é em ardósia, com algumas seções em cerâmica trabalhada. Há um piano antigo, fabricado por empresa de São Paulo chamada Nardelli. O prédio está em perfeito estado de conservação. No pátio da escola há um pau-ferro e uma paineira que têm, segundo informações locais, mais de 50 anos de vida.

Prédio do Fórum Dr. Edgardo da Cunha Pereira. Bem imóvel. Rua Frei Orlando, n. 404. A edificação parece datar do início do século XX.

O prédio, onde funcionou a cadeia pública da cidade, foi construído em estilo neoclássico. Possui uma porta central e janelas distribuídas por toda a parede frontal, todas originais. A porta tem aproximadamente quatro metros de altura. O piso é em cerâmica trabalhada. Na parede lateral do prédio se podem ver as janelas das antigas celas. Há platibandas na parede frontal. Segundo Valter Otaviano Ribeiro, funcionário do Fórum, o prédio foi construído em pedra com areia molhada, usada como argamassa.

Casa. Bem imóvel. Rua Antônio Amador, n. 44. Não foi identificada a data de construção.

O estilo de construção varia entre o neoclássico e o eclético. As altas portas e janelas de madeira são originais. As grades são trabalhadas. Há piso de tábua corrida original em alguns cômodos. Do forro antigo da sala pendem pingentes e prismas decorativos. Há mobiliário antigo nos cômodos. A casa pertenceu ao médico Amador Alves da Silva, que foi prefeito e chefe político na cidade nas décadas de 40 e 50 do século XX.

Capela de São José. Bem imóvel. A construção data de 1947.

Trata-se de uma capela com torre única instalada lateralmente. Uma pequena escada de granito leva ao interior do prédio. O piso é de cerâmica trabalhada e o teto é de telhas comuns. Há três imagens que datam da época de construção do templo: São José, Nossa Senhora Aparecida e Santo Expedito. A construção não apresenta grande interesse histórico ou arquitetônico.

Dores do Indaiá

Prédio da Prefeitura Municipal. Bem imóvel. Não foi identificada a data da construção, mas trata-se com certeza de edificação erguida na primeira metade do século XX.

Nesse prédio de dois pavimentos funcionou, até 1983, a cadeia pública da cidade. Naquele ano o estabelecimento foi transferido para outro local e a edificação passou a sediar a Prefeitura Municipal de Dores do Indaiá. O fato de ter sido originalmente uma cadeia provoca no interior do prédio a curiosa situação de que as antigas celas e instalações carcerárias abriguem hoje as salas de trabalho da administração municipal. Boa parte das características originais da construção foram mantidas, tais como a fachada principal, as escadas de mármore, o piso de cerâmica trabalhada, as janelas gradeadas e o pátio interno, onde foi plantada uma palmeira. A antiga cela de castigo, conhecida como "corró", foi também mantida. As portas antigas foram substituídas, mas uma delas permanece intacta - é uma porta externa de ferro e madeira, bastante pesada, que no passado separava a área interna da cadeia do seu quintal. A edificação como um todo tem características impressionantes. O pé direito é alto, as paredes são grossas e a fachada principal é majestosa, apresentando quatro colunas centrais, encimadas por um pináculo decorado, uma escada de mármore de acesso ao prédio, três portas centrais e várias janelas. O conjunto está pintado em tom vermelho claro e é ornado por duas árvores plantadas ao lado da entrada principal. O estado de conservação é bom, notando-se apenas alguns danos no reboco externo, manchas no piso original e uma trinca no mármore da escadaria interna.

Igreja Matriz de Nossa Senhora das Dores. Bem imóvel. Praça do Santuário. A edificação foi inaugurada em 1921.

Os alicerces da igreja foram assentados nos últimos anos do século XIX, mas a edificação só chegou a ser erguida nas décadas seguintes. Com a inauguração, o novo templo passou a ser a matriz da cidade, substituindo a Igreja de São Sebastião, que ocupara essa posição desde 1832.

O prédio da igreja é uma construção suntuosa no conjunto da pequena praça onde está localizado e da qual é a principal edificação. Foi construído em estilo neoclássico, com torre única, apresentando linhas harmoniosas e amplo espaço interno. Há imagens antigas, das quais não se pôde precisar a idade, da Virgem Maria, do Senhor dos Passos e de Nossa Senhora da Aparecida. As quatro imagens do altar-mor, segundo informações de Rivalton Cruz de Matos, secretário de Esportes, Lazer e Turismo do município, são também antigas, tendo sido restauradas recentemente. O piso de cerâmica trabalhada é original, à exceção do altar-mor, fixado contemporaneamente. Há vitrais simples, em cor única. Nas paredes laterais foi colocada representação moderna da paixão de Cristo. As escadas de madeira que levam ao coro e à torre parecem ser originais. O estado de conservação da igreja é muito bom.

Um detalhe interessante do ponto de vista do patrimônio histórico da cidade é o de que pelo menos um dos dois belos sinos hoje abrigados na torre da matriz foi fabricado antes da construção da igreja. Ele pertencia originalmente à Igreja de São Sebastião, onde foi instalado em 1904, depois de trazido do Rio de Janeiro, cidade em que foi fabricado. Posteriormente, foi transferido para a nova matriz. Os dois enormes sinos foram fundidos em metal e finamente trabalhados, ostentando diversos desenhos em alto relevo. Um deles traz a inscrição: “Fabricante Melo e Companhia. Rua Praianos, 61. Rio de Janeiro”. O outro traz inscrição semelhante: “Godinho e Companhia Fabricantes. Rua da Bahia, 22 a 28. Rio de Janeiro”.

Atrás da igreja existe extensa área murada, que no passado era um cemitério e hoje pertence às instalações do seminário instalado ao lado.

Prédio da Escola Estadual Doutor Zacarias. Bem imóvel. Praça do Santuário, n. 61. O prédio foi construído em 1922.

A edificação era originalmente a sede de uma fazenda. Construída em estilo neoclássico, possui telhado em duas águas, pátio central e piso em cerâmica original trabalhada. Está em ótimo estado de conservação.

Casa. Bem imóvel. Rua Rui Barbosa, n. 9. Não foi identificada a data da construção.

Construída em estilo neoclássico, a edificação possui quatro janelas frontais, alpendre, muros com grades e janelas laterais. A casa encontra-se desocupada e apresenta a fachada bastante avariada e as paredes sujas, conservando, não obstante, intacta a sua estrutura original.

Casa. Bem imóvel. Rua Rui Barbosa, n. 107. Não foi identificada a data da construção.

A casa, construída em estilo eclético, possui dois alpendres laterais bem expressivos, telhado antigo, janelão frontal e janelas laterais. Está bem conservada.

Prédio da Santa Casa de Misericórdia Doutor Zacarias. Bem imóvel. Praça Alexandre Lacerda Filho, n. 289. Não foi identificada a data da construção, mas pode se inferir que a edificação foi erguida anteriormente a 1922, pois era o local de funcionamento da Escola Estadual Doutor Zacarias até a construção da nova sede do estabelecimento, datada desse ano.

Trata-se de edificação em estilo neoclássico, com altas janelas frontais e platibandas, destacando-se no conjunto da praça onde está situada. O prédio foi recentemente reformado e repintado. O seu interior é totalmente novo. Há anexa uma capela antiga, que passou também por reforma recente, na qual foram utilizadas as telhas antigas, numa tentativa de manter o padrão original da construção.

A Praça Alexandre Lacerda Filho constituía, no século XIX, o centro do núcleo urbano, em torno do qual se distribuíam as edificações mais antigas de Dores do Indaiá. No local onde hoje está fixada tosca estrutura de metal representando um número “100”, alusivo ao centenário de transformação da vila em cidade, erguia-se a antiga Igreja de São Sebastião, demolida em 1937.

Prédio público. Bem imóvel. Praça Alexandre Lacerda Filho, n. 219. Não foi identificada a data da construção. O prédio possui características arquitetônicas do início do século XX.

A edificação, onde hoje funciona um dos setores da administração municipal, possui fachada principal com sete altas portas de batentes antigos de madeira. Foi reformada recentemente, mantendo-se o telhado e o piso em tábua corrida, ambos antigos. O aspecto externo foi prejudicado pela pintura de vários nomes, em letras coloridas, na fachada principal. Afora isso, o estado de conservação é bom.

Casa. Bem imóvel. Praça Alexandre Lacerda Filho, n. 219. Não foi identificada a data da construção.

A edificação possui telhado antigo, teto em madeira e está em ótimo estado de conservação.

Casa. Bem imóvel. Praça Alexandre Lacerda Filho, n. 48. Não foi identificada a data da construção. A edificação parece ter sido construída no início do século XX, buscando-se seguir um padrão arquitetônico colonial.

A estrutura está intacta e a parte externa apresenta excelente estado de conservação. Há telhado antigo, forro de madeira e piso de tábua corrida, mantidos em recente reforma do prédio.

Casa. Bem imóvel. Praça Alexandre Lacerda Filho, n. 30. Não foi identificada a data da construção. A edificação parece ter sido construída no início do século XX, buscando-se seguir um padrão arquitetônico colonial.

Como a anterior, está em excelente estado de conservação. O telhado antigo, o forro de madeira e o piso de tábua corrida foram mantidos na última reforma.

Casa. Bem imóvel. Praça Alexandre Lacerda Filho, n. 23. Não foi identificada a data da construção.

A estrutura original parece intacta. As paredes e portas são de madeira e o telhado é antigo. A casa passou por reforma e pintura recentes. Está em bom estado de conservação.

Casa. Bem imóvel. Rua Coronel Alexandre, n. 284. A edificação foi certamente erguida antes de 1902, pois nela nasceu, naquele ano, o poeta Emílio Moura.

A casa apresenta fachada antiga, com seis janelas frontais de batentes antigos. O forro do teto é de esteira e o piso de tábua corrida. O telhado é recente. A fachada foi parcialmente descaracterizada na sua parte mais baixa, onde se afixou larga faixa de ardósia moderna.

Prédio da Escola Estadual Francisco Campos. Bem imóvel. Praça Professor Waldemar de Almeida Barbosa (Praça Cívica). O prédio apresenta características arquitetônicas da primeira metade do século XX.

Trata-se de prédio suntuoso, em estilo eclético, de dois pavimentos, com fachada impressionante e escadaria de mármore. O interior é bastante amplo, com piso antigo de cerâmica trabalhada, escadas internas de mármore e grades de ferro. Há uma construção anexa, também antiga.

O prédio é o ponto central da praça mais agradável da cidade, ornada com um coreto, palmeiras e plantas.

Observação: A Igreja de Nossa Senhora do Rosário, registrada para pesquisa no roteiro preliminar da Rede Marketing, é uma edificação moderna, sem importância do ponto de vista do patrimônio histórico.

Felixlândia

Imagem de Nossa Senhora da Piedade com Jesus Cristo. Bem móvel. Santuário de Nossa Senhora da Piedade. Praça do Santuário, n. 151. Segundo análise de estudiosos, a obra deve ter sido esculpida em 1783.

A belíssima imagem mede 112 centímetros de altura por 97 de largura e 54 de profundidade. É uma representação de Nossa Senhora da Piedade, sentada em uma rocha, tendo nos braços o corpo morto de Jesus Cristo, cuja cabeça repousa sobre o braço esquerdo da santa. Uma chaga destaca-se no lado esquerdo do tórax do Cristo. A santa traja uma longa túnica, presa na cintura, e um manto, ambos azuis. O Cristo está praticamente nu, com apenas um pano na cintura.

A autoria da obra tem sido atribuída ao Aleijadinho, que a teria executado por volta do ano de 1783.

O registro histórico mais antigo que permitiria a identificação da autoria da obra é de 1881, se correta informação publicada em jornal local, em 1949: “É tradição, já registrada pelo Cônego Severiano de Campos Rocha (Memória Histórica sobre o Município de Curvelo, 1881, pág. 31), que a belíssima imagem de Nossa Senhora da Piedade, Padroeira da Freguesia, é obra do famoso Aleijadinho. Só os conhecedores de arte poderão verificar a veracidade da tradição.”.¹¹

Em 1971 o antiquário Armando Anastasia afirmou, sobre o que chamou “a descoberta de um novo Aleijadinho”: “...eu vi o que considero a obra-prima do Mestre Antônio Francisco Lisboa. Uma Pietá, a Padroeira da Paróquia, soberba, divina, quase em tamanho normal”.¹²

Em 1988 o estudioso Vittorio Lanari fez o seguinte comentário a respeito da imagem de Felixlândia: “É obra-prima, que ombreia com os Cristos dos Passos, de Congonhas. Deve ter sido executada por volta de 1783, quando o artista [o Aleijadinho] trabalhava na Fazenda da Jaguará, então porta de entrada para os gerais de Guimarães Rosa e onde se situava a antiga Piedade do Bagre, hoje Felixlândia”.¹³

¹¹ *A Voz de Felixlândia*, n. 1, 15 de agosto de 1949.

¹² Armando Anastasia. 'A descoberta de um novo Aleijadinho'. In *Estado de Minas*, 20 de novembro de 1971.

¹³ Vittorio Lanari. 'Desvendando os mistérios de um gênio'. In *Estado de Minas*, 9 de julho de 1988.

O Centro de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis (Cecor) da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, responsável pela restauração da imagem, realizada em 2001, encampou a análise dos dois estudiosos e afirmou, em relatório técnico sobre a obra: “Por todos os argumentos já relatados, concordamos inteiramente com Anastasia e Lanari: trata-se de uma obra quase desconhecida, mas de grande valor estético e expressivo, de autoria de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho”.¹⁴

A estátua ocupa o lugar central do altar-mor da igreja matriz de Felixlândia e encontra-se protegida por um sistema eletrônico de segurança. No trevo que dá acesso à cidade, na BR-040, foi colocada uma réplica da imagem, protegida por uma redoma de vidro.

Comentário: Ainda que não esteja diretamente relacionada ao processo de povoamento e urbanização do Alto São Francisco, a imagem de Nossa Senhora da Piedade, de Felixlândia, constitui um dos bens culturais mais valiosos dentre os que estão abrigados em municípios banhados pelo rio. A obra não está tombada em nenhuma esfera do poder público.

Iguatama

Igreja Matriz de Nossa Senhora da Abadia. Bem imóvel tombado pelo município. Praça Tomaz Ribeiro Pires. A igreja foi sagrada em 15 de agosto de 1862. *Detalhes das características físicas e da história do bem encontram-se no catálogo Acervos do São Francisco.*

A edificação passou por quatro reformas de maior vulto. As duas primeiras objetivaram preservar a integridade do imóvel e conservar as suas características originais. Em 1945 uma terceira reforma alterou significativamente o padrão original de construção da igreja, demolindo as duas torres e substituindo-as por uma única torre central e retirando as balaustradas de madeira que guarneciam as janelas. Em 1991 a torre foi demolida e a fachada reconstruída, buscando-se aproximar a edificação do seu estilo original, com as duas torres, a porta central e as janelas do coro. Um acréscimo foi feito na parte posterior, para abrigar o salão paroquial, a sacristia, a copa e os banheiros. Os altares e o relógio foram reformados e foi refeita a pintura, incluindo-se pintura artística no teto e no coro. O aspecto atual da edificação data, portanto, dessa última reforma, de 1991.

Hoje a construção encontra-se em excelente estado de conservação. Há pelo menos duas imagens importantes a serem registradas. A primeira delas, de Nossa Senhora da Abadia, foi

esculpida em madeira por um artista local, tendo como modelo uma menina de três anos de idade, filha do fazendeiro Domingos Gonçalves de Carvalho, que organizou a construção do templo. Essa imagem foi entronizada e benta em 15 de agosto de 1863 e repintada em 1950, segundo informações de Elvira Leão de Carvalho, uma das zeladoras da igreja. Mede cerca de 1,5 metros de altura e está em perfeito estado de conservação. A segunda imagem, também da padroeira do templo, foi trazida, segundo Elvira, de Portugal. Apesar de não termos obtido informações objetivas sobre a datação dessa obra, parece que seria anterior à primeira, sendo, portanto, a imagem mais antiga da igreja. Foi restaurada contemporaneamente, após ter sido atacada por cupins. Mede aproximadamente 90 centímetros de altura, está também em perfeito estado de conservação e encontra-se abrigada na casa paroquial, por razões de segurança.

Foi documentado também, na sacristia, um órgão centenário, que teria sido importado da Alemanha. Segundo informações locais, está em perfeito estado de conservação e funcionamento.

Quando visitamos a igreja um barco havia sido pendurado no centro do prédio. Segundo o vigário local, tratava-se de homenagem à ordenação de três diáconos, alusiva às palavras de Jesus Cristo - “vinde a mim, farei de vós pescadores de homens”. Após a ordenação, a curiosa cena seria desfeita, retirando-se a embarcação do espaço central do templo.

Ponte de ferro sobre o rio São Francisco. Bem imóvel tombado pelo município. A obra foi inaugurada em 1910. *Detalhes das características físicas e da história do bem encontram-se no catálogo Acervos do São Francisco.*

A ponte, de 88 metros de extensão, foi erguida sobre o rio em blocos de pedra de fundação. No passado possibilitou que os trens vindos pela Estrada de Ferro Goiás cruzassem o São Francisco. Deixou de ser utilizada em 1996, com a construção de outra ponte, mais próxima da cidade. No entorno não existe outra edificação e o acesso à obra se dá por meio de curta trilha que corta uma pequena mata nas imediações da fazenda Capelinha. Segundo informações prestadas por José Garcia Júnior, assessor da Prefeitura Municipal de Iguatama, a Rede Ferroviária Federal, proprietária da obra, ameaçou retirá-la do local e destruí-la, tendo então o poder público municipal se apressado a tombá-la, para evitar que isso ocorresse. A ponte encontra-se em bom estado de conservação, tendo apenas a película externa enferrujada.

Placa afixada numa das laterais da estrutura traz a seguinte inscrição: “Estrada de Ferro de Goyaz. Ponte Paula Cândido. 09 de maio de 1851. 20 de abril de 1908. 1909”. No mesmo ponto uma

¹⁴ Centro de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis. *Nossa Senhora da Piedade de Felixlândia, de Minas Gerais*, p. 13.

segunda placa traz o seguinte: “Ste An^{me} de Travaux. Dyle & Bacalan - Paris. Ateliers de La Dyle. A Louvain (Belgique)”. Essa segunda inscrição refere-se ao fabricante belga da obra. Note-se ainda que, apesar de a primeira inscrição trazer uma inexplicada referência ao ano de 1851, todos os documentos disponíveis sobre a obra e as suas próprias características de construção indicam que foi erguida no início do século XX.

Sobrado. Bem imóvel tombado pelo município. Rua Quatro, n. 413. A construção foi iniciada na década de 60 do século XIX.

A construção do prédio foi iniciada pelo fazendeiro Domingos Gonçalves de Carvalho, que pretendia fazer uma casa “como as de Ouro Preto”, assobradada e com vidraças, para sua residência. A conclusão da obra foi realizada por José Garcia Pereira, seu cunhado, tendo-se agregado duas alas e suprimido vidraças e ornatos. Entre 1890 e 1930 funcionou como casa paroquial e, depois, como residência. Por décadas foi a principal edificação do núcleo urbano, tendo recebido a visita de bispos e missionários. Em 1878 a primeira escola pública de Iguatama, destinada, no início, exclusivamente para mulheres, foi instalada no andar térreo do prédio. O sobrado foi ainda, ao longo das décadas, sede de diversas instituições e espaço para ensaios musicais e apresentações teatrais. Recentemente foi um armazém, desativado no primeiro semestre de 2002.

O prédio de dois pavimentos foi construído em marcante padrão colonial. As telhas originais são de argila clara e as janelas e portas possuem batentes antigos de madeira maciça. As antigas paredes de pau-a-pique foram substituídas na década de 20 do século XX por paredes de alvenaria. Em 1991 o telhado foi reformado, tendo se garantido a manutenção de grande parte das telhas originais, e as paredes interiores foram pintadas com cal e as partes de madeira com tinta a óleo. Atualmente encontra-se em estado regular de conservação, tendo a sua estrutura de madeira sido atacada por cupins.

Casa da Ponte. Bem imóvel tombado pelo município. Praça 70. É provável que a sua construção tenha ocorrido na década de 70 do século XIX. *Detalhes das características físicas e da história do bem encontram-se no catálogo Acervos do São Francisco.*

A edificação foi erguida para funcionar como posto de fiscalização anexo a ponte de aroeira que permitia cruzar o rio São Francisco. A autorização para a construção da ponte é de 1873, devendo, portanto, a casa ter sido construída logo depois. A nova edificação deve ter substituído o prédio do primeiro posto fiscal, ali instalado no século XVIII. O estilo atual do prédio data da década de 20 do século XX, quando foi reformado, tendo recebido fachada eclética e dez janelas. Posteriormente a

ponte de madeira ruiu e foi substituída por ponte de concreto, o que exigiu o nivelamento e o alargamento da rua, com o que desapareceu a entrada central da casa.

A edificação encontra-se abandonada e em precário estado de conservação. As paredes foram pichadas, os forros dos cômodos, tanto de esteira de bambu quanto de madeira, estão caindo e a parte traseira da edificação foi invadida pelo mato. Os vidros das janelas estão todos quebrados. Uma árvore que cresce contígua à parede principal da edificação ameaça a sua estrutura. O interior da casa está imundo e parece ser freqüentemente invadido para encontros noturnos. Apesar dessas ameaças, não houve comprometimento estrutural do prédio, a fachada principal está relativamente bem conservada e as portas e janelas originais permanecem no lugar. Trata-se de uma edificação que pode ser recuperada.

Prédio da Câmara Municipal. Bem imóvel tombado pelo município. Rua Um, n. 114. A construção é de 1909. *Detalhes das características físicas e da história do bem encontram-se no catálogo Acervos do São Francisco.*

O prédio, de arquitetura original típica do início do século XX, teve o seu estilo parcialmente descaracterizado quando foi contemporaneamente adquirido pela Prefeitura Municipal de Iguatama. Hoje nele funciona a Câmara Municipal da cidade. O prédio foi recentemente reformado e repintado, constando as seguintes inscrições na placa afixada numa das paredes laterais: “Obra de restauração do prédio da Câmara Municipal de Iguatama, patrimônio histórico tombado pela Lei 913/93. Doada à Câmara Municipal em 2000 pelo Prefeito João Batista da Costa. Este prédio foi construído em meados de 1909 pelo Sr. Miguel Garcia, vindo a funcionar posteriormente como sede da Prefeitura Municipal. Nesta linha de restauração buscamos recuperar e preservar as características anteriores do prédio em harmonia com espaços modernos, integrando assim o belo, o antigo à arquitetura atual. Legislativo. 2001/2004”.

À parte as modificações por que passou o prédio, atualmente ele se encontra em excelente estado de conservação.

Estação Ferroviária de Garças de Minas. Bem imóvel tombado pelo município. Rua 209, s/n. A estação foi inaugurada em 1916. *Detalhes das características físicas e da história do bem encontram-se no catálogo Acervos do São Francisco.*

No ano da inauguração da estação foi realizada a sua ligação com a cidade de Belo Horizonte, com a incorporação da Estrada de Ferro Goiás à Estrada de Ferro Centro-Oeste de Minas. A sede da estação foi construída com padrão arquitetônico que traz elementos característicos do estilo

européu do início do século XX. O prédio encontra-se em bom estado de conservação e é normalmente utilizado para o controle do tráfego de trens de carga.

Casarão. Bem imóvel. Rua Um, n. 114. A construção tem características do final do século XIX.

A edificação tem pé direito alto, de cerca de quatro metros, portas de duas folhas, com batentes antigos, teto e piso de madeira, este último reformado. A fachada externa é ornada com platibandas. O casarão está em bom estado de conservação.

Casa. Bem imóvel. Rua Um, n. 120. A construção tem características da segunda metade do século XIX.

A estrutura do prédio está intacta, mas a fachada está bastante danificada, com vidros quebrados nas janelas. A madeira dos batentes das portas e janelas está carcomida e o teto do alpendre está se soltando. A edificação possui platibandas impressionantes. Está em precário estado de conservação.

Prédio. Bem imóvel. Rua 209, n. 266. É provável que seja contemporâneo da Estação Ferroviária de Garças de Minas, cuja inauguração se deu em 1916.

No passado o prédio funcionou como hotel, recebendo os passageiros que utilizavam a Estação Ferroviária de Garças de Minas, que fica em frente à edificação. Hoje encontra-se abandonado. O estilo de construção é do início do século XX.

Prédio. Bem imóvel. Rua 206, n. 10. A construção tem características do início do século XX.

Da mesma forma que o imóvel anterior, também este funcionou como hotel para os passageiros que utilizavam a Estação Ferroviária Garças de Minas. Encontra-se abandonado e bastante avariado. A estrutura parece intacta, mas as portas e janelas estão em precário estado de conservação, alguns vidros foram quebrados, as paredes estão pichadas e alguns pilares originais de madeira estão carcomidos.

Casarão da Fazenda Corquinhos. Bem imóvel tombado pelo município. Vila de Corquinhos. A construção é da primeira década do século XX. *Detalhes das características físicas e da história do bem encontram-se no catálogo Acervos do São Francisco.*

A edificação de dois pavimentos foi construída num padrão arquitetônico que apresenta elementos característicos do período colonial. Os janelões têm cerca de 1,7 metros de altura e as portas

originais chegam a 2,5 metros. Hoje encontra-se em péssimo estado de conservação. Algumas paredes apresentam trincas, o reboco já cedeu em vários pontos, há várias falhas no teto de telhas e o piso de madeira está bastante danificado. Há vários móveis antigos, em estado bastante precário, nos cômodos da casa. O porão está tomado por entulho e lixo. O antigo alpendre de madeira foi substituído por construção de concreto e piso de cerâmica.

A Fazenda Corguinhos dista aproximadamente 27 quilômetros da sede do município. Recebemos informações de que há ainda dois outros casarões seculares de fazenda em Iguatama, ambos em bom estado de conservação - a sede da Fazenda de Silvério Cunha e a sede da Fazenda Barreira. Esses imóveis não foram visitados.

Carranca. Bem móvel. Não foi identificada a idade da escultura.

Localizada na entrada da cidade, a partir de Bambuí, essa carranca de pequi tem cinco metros de altura e pesa sete toneladas. Segundo informações de José Garcia Júnior, trata-se da maior carranca do São Francisco e da primeira a ser encontrada a partir da sua nascente. Ainda que Iguatama esteja bastante distante do Médio São Francisco, onde as carrancas eram típicas, a obra foi instalada na cidade para aludir à importância da sua localização ribeirinha.

Comentário: Iguatama concentra, dentre os municípios ribeirinhos do Alto São Francisco, o maior número de bens históricos e artísticos da região. Apesar de vários casos de destruição e degradação de bens importantes, o município tem se preocupado em preservar o seu patrimônio histórico e artístico. O fato de que sete edificações estejam tombadas pelo poder público municipal, situação que não se verifica em nenhuma outra cidade ribeirinha do Alto São Francisco, é uma demonstração disso.

Três Marias - Distrito de Andrequicé

Igreja de Nossa Senhora das Mercês. Bem imóvel. Segundo o *Dicionário Escolar com a História do Município*, publicado pela Prefeitura Municipal de Três Marias, a igreja foi construída há cerca de 150 anos.

A história da antiga capela de Nossa Senhora das Mercês confunde-se com o povoamento da região de Andrequicé. Ela teria sido erguida em homenagem à memória do fazendeiro diamantinense João Pereira da Rocha, que morrera em viagem pela região, tendo sido enterrado num antigo cemitério local. Há registros de que no local onde existiu esse cemitério foi encontrada uma inscrição em madeira, datada de 1725.

A igreja atual parece ter sido erguida em meados do século XIX, substituindo a antiga capela. Está situada numa posição estranha em relação ao povoado, encontrando-se num plano inferior ao do casario e tendo a sua parte traseira voltada para as casas. Tem-se a impressão de que no passado a vila se concentrava em torno da igreja, num plano mais baixo do que o atual, tendo sido depois transferida para a posição de hoje.

A igreja consiste numa edificação pequena, de aparência singela e agradável, com fachada principal onde se destacam a porta de madeira e duas janelas laterais. Reforma recente restaurou o prédio, que se encontra em bom estado de conservação. Segundo a professora Antônia Genuína de Oliveira, residente em Andrequicé, nessa reforma foram mantidas muitas das características originais do templo. As paredes, feitas de pau-a-pique, adobe e tijolo, foram preservadas, trocando-se apenas o seu revestimento. Na parte interna, o altar-mor, o coro e o teto, todos de madeira, foram recuperados, mantendo-se a sua forma original. O piso e o telhado externo são modernos. O sacrário que fica à direita do altar-mor é também recente, tendo sido instalado em 2002. Quando da nossa visita, três imagens, de Nossa Senhora das Mercês, de São Sebastião e do Divino Espírito Santo, e uma mesa, todas elas peças originais, tinham sido enviadas para Ouro Preto, para serem restauradas. Segundo Antônia, as imagens que permaneceram na igreja são modernas.

Três Marias - Instalações da Usina Hidrelétrica de Três Marias

Estátua do Índio. Bem imóvel. Praça do Índio. Não foi identificada a idade da obra, que foi esculpida contemporaneamente.

Essa obra artística representa um índio nu, deitado de costas, tendo ao lado algumas cobras. Foi esculpida em bronze. Na sua base há uma inscrição alusiva ao nome pelo qual o rio São Francisco era conhecido pelos índios brasileiros: “Opara, Rio São Francisco”. A obra encontra-se bem protegida, em excelente estado de conservação. Ao seu lado foram instalados holofotes e bancos, constituindo esse conjunto a chamada “Praça do Índio”.

Mais do que o interesse artístico da obra em si, a estátua do índio reveste-se de especial importância por ter sido esculpida por Deocleciano Martins de Oliveira, autor de várias outras esculturas espalhadas por cidades ribeirinhas do São Francisco, como Pirapora, Bom Jesus da Lapa, Barra, Juazeiro e Paulo Afonso.¹⁵

¹⁵ Na primeira etapa da Expedição Engenheiro Halfeld foi identificada, na cidade baiana de Barra, uma escultura do mesmo artista. O autor deste relatório supõe que sejam também de sua autoria, pelo estilo clássico das obras e pelo material empregado, duas outras estátuas, uma delas instalada na entrada da Gruta

PATRIMÓNIO ARQUEOLÓGICO E PALEONTOLÓGICO

Província Cárstica de Arcos-Pains-Doresópolis

A chamada Província Cárstica de Arcos-Pains-Doresópolis constitui uma faixa de cerca de 100 quilômetros nesses municípios, formada por paredões de calcário que abrigam grutas e cavernas, onde já foram encontrados fósseis, inscrições rupestres, fragmentos de peças de cerâmica, utensílios e ferramentas pré-coloniais. As rochas da região são calcárias e dolomíticas e representam a Formação Sete Lagoas, ou seja, o conjunto de camadas sedimentares existentes na parte inferior do Bacia Sedimentar do Grupo Bambuí. A equipe da Expedição visitou dois locais representativos do patrimônio arqueológico e paleontológico da Província, descritos abaixo.

Gruta dos Milagres

A equipe de documentação percorreu a Gruta dos Milagres, no local denominado Vale do Barreado, no município de Doresópolis. O córrego do Barreado, que corre sob a cavidade, deságua no ribeirão dos Patos, um dos afluentes do São Francisco na região. A chegada à gruta requer uma curta caminhada no meio da mata, a partir de uma das estradas de terra locais.

No interior da gruta encontram-se fragmentos de objetos de cerâmica, dispersos pelo chão. Segundo a bióloga Paula Vieira Teles e o guia de campo Jefferson Luís, guias da equipe no local, não há ainda um trabalho de pesquisa da importância e da datação desse material. A gruta em si constitui uma cavidade bem ornamentada, com presença de coralóides, estalactites, estalagmites, cortinas, escorrimentos e colunas. Há pichações em várias de suas formações e algum lixo espalhado pelo chão. O local é frequentemente visitado pela população

de Bom Jesus da Lapa e a outra no centro da cidade de Juazeiro. O escultor Deocleciano Martins de Oliveira é natural de Barra.

local, tendo sido colocada, na entrada da cavidade, uma imagem sacra comum, em torno da qual se espalham flores e restos de velas.

Centro de Educação Ambiental e Núcleo Museológico da Reserva de Corumbá

Em 16 de junho de 2000 foi inaugurado esse importante centro, destinado à preservação e à divulgação do patrimônio histórico, geológico, arqueológico, espeleológico e paleontológico da Província Cárstica de Arcos-Pains-Doresópolis. A criação do espaço, localizado na Estação Ecológica de Corumbá, no município de Arcos, foi o resultado de parceria entre a Companhia Siderúrgica Nacional e o Instituto Estadual de Florestas, como parte de termo de compromisso assumido pela empresa junto à Fundação Estadual do Meio Ambiente e à Secretaria de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável.

O acervo inclui urnas funerárias, animais fossilizados, fragmentos de ossos humanos, fotografias de inscrições rupestres, ferramentas e utensílios pré-coloniais. As ferramentas incluem exemplares de machados, batedores e pilões. Há também vasilhames e adornos individuais. O material proveniente do período colonial inclui cachimbos eoringas, provavelmente fabricados por escravos negros. Esse acervo foi constituído a partir da contribuição da população local, que cedeu ao centro os exemplares pré-coloniais que vinha mantendo sob a sua guarda por décadas. Há ainda exemplares oriundos de outras regiões do país, como fósseis de animais encontrados na Bahia e em Peirópolis, localidade do município mineiro de Uberaba.

O local possui área construída de 275 metros quadrados, que se repartem entre o centro de visitantes e o observatório a céu aberto, instalado no alto de um platô.

O centro foi implantado num espaço de grande beleza cênica, constituído por morros e paredões calcários, no interior dos quais se encontram cavidades com inscrições rupestres. A vegetação de campos e de cerrado em torno encontra-se

preservada, por estar o centro localizado no interior de uma unidade de conservação. A estação ecológica é cortada pelo rio Santo Antônio. Fora da área do núcleo museológico, na beira da estrada que corta a estação, foi registrada a existência de um casarão antigo, que pertenceu à fazenda Corumbá. A edificação foi construída em estilo colonial e encontra-se abandonada.

A equipe foi recebida por Karolini Valadão de Castro e Silva, coordenadora do núcleo museológico, tendo a visita sido acompanhada também pela bióloga Paula Vieira Teles e pelo guia de campo Jefferson Luís.

Indagada, por este pesquisador, se tinha conhecimento de pesquisas voltadas para a importância do acervo arqueológico da região no contexto da ocupação pré-colonial do Alto São Francisco, a coordenadora do centro respondeu negativamente. Não obstante, texto por ela fornecido, de autoria da arqueóloga Alenice Motta Baeta, inclui um comentário que ressalta a relação entre um dos sítios arqueológicos da região e as populações pré-coloniais que habitaram o vale do São Francisco:

No distrito de Corumbá, município de Arcos, há inúmeros sítios arqueológicos litocerâmicos, a céu aberto e em abrigos sob rocha. Contudo, o sítio arqueológico que mais chama a atenção, possivelmente por sua beleza cênica e por possuir conjuntos de pinturas rupestres, é o sítio denominado Posse Grande.

Trata-se de um grande maciço calcário, onde a parte abrigada possui 30 metros de extensão. A parede com pinturas rupestres encontra-se parcialmente danificada em função dos deslocamentos do suporte rochoso e das depredações por meio de rabiscos sobre as pinturas. No entanto, ainda há aproximadamente 250 figuras rupestres nas partes menos acessíveis da parede, que apresentam um conjunto estilístico pictural peculiar. As figuras deste sítio apresentam temas bem variados: formas humanas ou antropomorfas, formas de animais ou zoomorfas, além de variados tipos de figuras com formatos geométricos.

A característica mais rara desse conjunto rupestre é a forma de preenchimento das figuras, que inclui duas ou até mesmo três cores, o que não é muito comum na região central de Minas Gerais. Por isso,

esse sítio é muito importante para os pesquisadores, na medida que apresenta influências estilísticas originárias de outra região, no caso, do Médio e Baixo São Francisco.¹⁶

Material arqueológico encontrado na região de Abaeté

Durante a visita técnica à cidade de Abaeté, a equipe esteve na residência de Luzia Soares Defeo, cujo marido, já falecido, tinha por hábito recolher objetos de interesse histórico e arqueológico encontrados nas margens de cursos d'água da região. A coleção encontra-se bastante desfalcada, tendo sido registrados alguns machados pré-coloniais de pedra polida e cachimbos de barro.

A visita que ocorreria à fazenda Catitu, constante da lista preliminar de bens a serem pesquisados, não foi realizada. O proprietário da fazenda, Geraldo Marcos Alves de Oliveira, informou por telefone que o material de interesse paleontológico e arqueológico que fora encontrado na área, representado por ossadas e urnas funerárias, foi posteriormente destruído ou se perdeu. Essas descobertas não foram informadas a entidade de pesquisa que pudesse explorar tecnicamente a área.

¹⁶ Alenice Motta Baeta. *Arqueologia da região de Arcos*. In Companhia Siderúrgica Nacional. *Compromisso com a vida [e outros textos técnicos]*. Textos inéditos.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL

Benzedor em Abaeté

Durante a estada da equipe de pesquisa na cidade foi entrevistado o carroceiro Geraldo Vital de Souza, conhecido como Julião, de 73 anos de idade, cujas bezenduras acredita-se tenham poder curativo de doenças. O benzedor é descendente de povos indígenas que habitaram o local e trabalha no transporte de cargas na sua carroça.

Durante a entrevista, Julião, que também participa do congado local, recitou os versos de uma das canções entoadas nessa festa:

A princesa Isabel é muito bondosa
Libertou os escravos porque ela é caridosa, sabe
A princesa Isabel defende gente inocente
Dentro das senzalas ela mandou cortar as correntes
Porque os escravo viviam amarrado.

Casa da Cultura Antônio Pedro de Oliveira - Morada Nova de Minas

O espaço, inaugurado em dezembro de 1996, abriga alguns objetos artesanais, como vassouras, redes, gamelas, cangas decorativas e tecidos bordados, além de artigos comuns, como roupas, bijuterias, licores e condimentos. O acervo é inexpressivo do ponto de vista da tipicidade ou do conteúdo artístico. O moderno prédio que abriga o espaço tampouco apresenta interesse cultural.

Memorial Manuelzão e Festa de Manuelzão - Distrito de Andrequicé - Três Marias

O Projeto Memorial Manuelzão consiste numa série de ações, coordenadas pela Associação Comunitária de Andrequicé, voltadas para a preservação da memória do vaqueiro Manuel Alves Nardi, o Manuelzão, que se tornou um dos principais personagens da obra do escritor Guimarães Rosa, e para a valorização do patrimônio cultural do povoado e do ambiente sertanejo das veredas do rio São Francisco. O projeto inclui diversas metas específicas, dentre as quais já se

realizaram a aquisição e a restauração da casa de Manuelzão e a sua conversão em museu.

A equipe da Expedição visitou o espaço do Museu, onde fomos recebidos por Adriana Nardi de Souza, neta de Manuelzão. Estava presente também a viúva do vaqueiro, Divalda Alves Nardi.

Segundo Adriana, a casa que hoje abriga o Museu foi residência do vaqueiro e de sua esposa por cerca de 45 anos. O Museu consiste num espaço de cinco cômodos e um alpendre, onde foram preservados móveis antigos, como uma arca, onde eram guardadas ferramentas, roupas e uma espingarda, uma mesa, sobre a qual ficava o bule e um coité, uma cristaleira, um armário, um banco e um guarda-roupa. Uma exposição de fotografias foi organizada num dos cômodos. Na entrada do espaço foi fixada uma placa em pedra, com a seguinte inscrição: "T entrego Manuelzão / isto te deixo em mão por desbravar - Guimarães Rosa - Memorial Manuelzão - início das obras 6/7/2001. 97 anos de Manoel Alves de Nardi". Segundo Milce Aparecida Vieira de Souza e Freitas, responsável pela Divisão de Cultura da Prefeitura Municipal de Três Marias e coordenadora do Projeto Memorial Manuelzão em Andrequicé, a pedra fundamental do espaço foi assentada em 6 de julho de 2001.

A visita técnica da equipe coincidiu com a realização, no povoado, da "Festa de Manuelzão", evento realizado de 6 a 9 de julho de 2002, que incluiu conferências, exposição de fotos, curso de contadores de histórias, oficinas de leitura, exibição de filmes, quadrilha, forró e apresentações artísticas. Barracas de comida e bebida foram instaladas ao lado do Museu e uma cavalgada foi organizada. O evento contou com a presença de estudiosos e professores da Universidade Federal de Minas Gerais e da Universidade de São Paulo, de agentes públicos e culturais e de estudantes da cidade de Três Marias.

O autor deste relatório expôs brevemente os objetivos da Campanha Rio São Francisco Patrimônio Mundial e o trabalho da Expedição Engenheiro Halfeld para o público que assistia aos eventos do primeiro dia da festa.

A equipe visitou ainda a Fazenda São José, situada na localidade da Tolda, também pertencente ao município de Três Marias. Essa fazenda foi o primeiro pouso da comitiva integrada por Guimarães Rosa em 1952, durante a viagem da qual resultaram as suas principais obras. A sua sede é uma construção de adobe e madeira, com móveis antigos, situada numa aprazível área rural. Um detalhe curioso é o sistema de captação de água, que inclui uma larga calha aberta de madeira pela qual o líquido atravessa toda a extensão da cozinha da casa. Nos fundos da edificação existiu no passado um monjolo, removido recentemente. Hoje a casa encontra-se em estado médio de conservação, sendo residência do atual proprietário, Afonso Gabriel Soares.

Na pequena viagem por estrada de terra entre Andrequicé e a Tolda, cruzamos uma vasta área de eucaliptais, com uma carvoaria, de propriedade da Usina Siderúrgica Gerdau. Nas proximidades há diversas veredas.

MEIO AMBIENTE

Ainda que não tenha constituído o foco principal de pesquisa da segunda etapa da Expedição Engenheiro Halfeld, a observação e o registro das formações naturais existentes ao longo e no entorno do rio e dos graves problemas ambientais nele presentes estiveram também entre as atividades da equipe de pesquisa e documentação. No momento atual, em que a redução do nível das águas do São Francisco e os danos à sua fauna e flora atingem patamares alarmantes, a questão ambiental torna-se decisiva em qualquer projeto que tenha o rio como campo de atuação.

Cabe lembrar, preliminarmente, que, como a viagem pelo Alto São Francisco incluiu longos trechos terrestres e relativamente poucos trechos fluviais, não se pôde registrar o curso do rio com o grau de detalhamento que caracterizou a pesquisa do Médio e do Baixo São Francisco.

Aspectos físicos do rio e do entorno

O curso do rio no longo trecho do Alto São Francisco foi observado principalmente a partir de três viagens fluviais: a) entre Iguatama e Lagoa da Prata; b) entre Três Marias e a Estação Ecológica de Pirapetinga, pelo lago de Três Marias; c) entre a chamada Cachoeira Grande, localizada entre os municípios de Três Marias e São Gonçalo do Abaeté, a cerca de 10 quilômetros a jusante da represa de Três Marias, e Pirapora. Além desses percursos fluviais, o aspecto do rio e do seu entorno pôde ser observado pontualmente em alguns locais de referência.

No **trecho entre Iguatama e Lagoa da Prata**, de aproximadamente 35 quilômetros de extensão, o rio corre sinuosamente entre barrancas que têm, na época seca do ano em que viajamos, cerca de três metros de altura em relação à superfície das águas. Pode-se ver nas barrancas a marca que atingem as águas na estação chuvosa, situada cerca de 1,5 metros mais alta do que o nível da estação seca. Em alguns pontos as margens são constituídas por paredões rochosos. As águas, ao contrário da região da nascente, apresentam coloração verde escura, podendo ser barrentas em alguns trechos.¹⁷ A correnteza é razoavelmente forte. Nesse trecho estimamos, a partir de observação visual, que a largura média do rio varia entre 15 e 20 metros, podendo chegar, já nas proximidades de Lagoa da Prata, a 50 metros. Vêm-se nas duas margens as fozes de riachos e ribeirões. Destaca-se o rio Bambuí, pela margem esquerda.

¹⁷ A caracterização física da região da nascente do rio está incluída no tópico referente ao Parque Nacional da Serra da Canastra, na seção seguinte deste capítulo.

A vegetação nativa, onde não foi destruída pela ação do homem, é densa e rica, parecendo caracterizar-se por vegetação de transição entre florestas e cerrados. As árvores são esguias e de altura média, destacando-se algumas mais altas e de troncos mais largos, provavelmente mais antigas. Vêem-se micos, mergulhões, garças e martins-pescadores. O desmatamento, no entanto, chegou quase até as margens do rio; a mata ciliar parece praticamente inexistir na maior parte desse trecho.

Algumas dezenas de quilômetros abaixo, pôde-se observar, **a partir da ponte sobre a BR-262, entre os municípios de Moema e Luz**, que as águas do rio mantêm a coloração verde escura, um pouco barrenta. A faixa de mata ciliar é muito estreita; onde ela ainda existe, as árvores são altas e frondosas. A largura do rio, estimada visualmente, é de aproximadamente 50 metros.

Na **região do município de Abaeté**, na localidade denominada Paredão, foi estimado visualmente, por membro da equipe, que o rio tem largura de cerca de 100 metros.

Na região do **lago formado pela Barragem de Três Marias** as águas apresentam coloração azulada, perdendo, pela filtragem realizada pela barragem, o tom verde escuro que têm nos trechos anteriores. Nas duas margens do lago vêem-se pequenos morros, suavemente ondulados. A vegetação marginal é de campos limpos e cerrado. Há número significativo de pescadores. No lago vivem traíras, piranhas, pias verdadeiros, tucunarés e curimatãs. No extremo norte do lago, na ponte onde a BR-040 corta o São Francisco, em Três Marias, foi registrado que o rio tem largura aproximada de 270 metros.

Os tributários importantes que deságuam no lago são o Paraopeba, pela margem direita, e o Indaiá e o Borrachudo, pela margem esquerda.

Um ponto privilegiado para a observação de parte do lago é o chamado Mirante do Velho Chico, localizado no município de Três Marias, na altura do quilômetro 279 da BR-040, no sentido Belo Horizonte - Brasília, a um quilômetro da rodovia. Galgando duas grandes rochas, pode se ver ampla paisagem, registrando-se os suaves morros ondulados que margeiam o lago e as suas características enseadas.

No **trecho entre a Cachoeira Grande e Pirapora**, de cerca de 120 quilômetros de extensão, o rio é significativamente mais largo do que nos trechos a montante do lago de Três Marias. A partir de medição realizada com o GPS, registrou-se, na região da Cachoeira Grande, início desse trecho, a largura de 225 metros. Sob a ponte Marechal Hermes, em Pirapora, ponto final do trecho, foi medida, também com o GPS, a largura de 437 metros. As águas são de coloração verde clara e correm entre margens baixas. Em diversos pontos do leito do rio há corredeiras e cachoeiras

provocadas pela grande concentração de rochas sob a água. Nesses pontos as águas se tornam turbulentas, ganhando nomes como Caldeirão ou Caldeirinha. A vegetação sofreu danos semelhantes aos dos trechos anteriores. Onde foram preservadas, as árvores nativas são altas e copadas.

Dentre os tributários desse trecho, destacam-se o rio Abaeté, na margem esquerda, e os rios Espírito Santo e de Janeiro, na margem direita. Há várias ilhas, algumas de tamanho considerável, como a Ilha Grande e a Ilha dos Prazeres.

A ocupação humana nas margens parece escassa, constituindo-se de fazendas de gado e alguns sítios. Vêm-se, não obstante, muitos pescadores.

Na chegada a Pirapora a água readquire a coloração verde escura dos trechos a montante do lago. Em alguns pontos aparecem os primeiros sinais das barrancas do Médio São Francisco, abaixo das quais o rio adquire o característico tom amarelado que terá por longa extensão a partir de Pirapora.

Áreas naturais de valor ambiental

Parque Nacional da Serra da Canastra

O parque, que possui área de 200 mil hectares, foi legalmente criado por decreto federal em 1972. Está distribuído entre os municípios mineiros de São Roque de Minas, Sacramento e Delfinópolis e situa-se no divisor de águas das bacias dos rios Paraná e São Francisco. As altitudes variam entre 500 e 1.496 metros e as temperaturas médias oscilam entre 17°C e 23°C. Os verões são chuvosos e os invernos secos. A vegetação é composta por formações vegetais típicas e florestas atlânticas. Há também campos rupestres, pequena parcela de matas ciliares e manchas de campo-cerrado. Podem se observar espécies vegetais típicas, como a canela de ema, a arnica e a arnica-do-campo. Entre as principais espécies da fauna preservada estão o lobo-guará, o tamanduá-bandeira, o tatu-canastra, o veado-campeiro, o veado-catingueiro, o cachorro-do-mato, a lontra, o guaxinim e aves como o tucanuçu, a perdiz, a curicaca, a ema, o pato-mergulhão, a siriema, a coruja e o gavião.¹⁸

O nome da serra e do parque deve-se à semelhança de uma seção da cadeia montanhosa apresenta, quando observada à distância, com uma canastra.

¹⁸ O lobo-guará, o tatu-canastra, o tamanduá-bandeira e o pato-mergulhão são espécies consideradas ameaçadas de extinção.

O acesso ao parque pode ser feito a partir das estradas de terra que o conectam às cidades de São Roque de Minas, pelo lado leste, e Delfinópolis e Sacramento, pelo lado oeste. Há ainda dois outros acessos, sendo que um deles leva diretamente à cachoeira Casca d'Anta. Uma estrada de terra interna corta o parque no sentido leste-oeste.

A visita da equipe ao parque realizou-se a partir de São Roque de Minas. Fomos guiados pelo monitor ambiental Edson Gonçalves da Costa, conhecido como "Cocada".

As nascentes do rio estão situadas numa das regiões mais altas do parque, constituída por campos rupestres, denominada Chapadão. Os primeiros sinais do rio aparecem numa área plana, de solo arenoso e vegetação rala, localizada aos pés da Serra da Canastra. Na estação chuvosa o solo torna-se bastante úmido, contribuindo para alimentar as nascentes. Na ocasião da nossa visita, ocorrida no mês de junho, o solo estava seco.

Uma estátua de santo, erguida sobre uma base de pedra e cercada por muretas protetoras, feitas de pedras sobrepostas, foi colocada no centro dessa área. Uma inscrição na base da estátua traz a oração de São Francisco: "Senhor, fazei de mim um instrumento da vossa paz. Onde haja ódio, consenti que eu semeie amor, perdão onde haja injúria, céu onde haja dúvida, verdade onde haja mentira, esperança onde haja desespero, luz onde haja trevas, união onde haja discórdia, alegria onde haja tristeza. Divino Mestre, permiti que eu não procure tanto ser consolado quanto consolar, ser compreendido quanto compreender, ser amado quanto amar. Porque é dando que recebemos, perdoando é que somos perdoados e morrendo é que nascemos para a vida eterna". O santo carrega uma Bíblia numa das mãos e tem aos pés uma caveira. Curiosamente, a estátua não possui os atributos característicos das imagens de São Francisco. Depois da nossa visita fomos informados, por moradores de São Roque de Minas, que há uma polêmica com relação à estátua. Há quem diga que se trata na realidade de imagem de São Geraldo, ali colocada por equívoco. Outros afirmam que a imagem representa uma das fases da vida de São Francisco, quando ele portava uma Bíblia e não os pássaros com os quais é comumente representado. De qualquer forma, na igreja matriz de São Roque de Minas está depositada outra imagem, de cerca de quatro metros de altura, feita de fibra de vidro, representando o São Francisco tradicional. Há um plano para substituir a atual estátua colocada na nascente do rio por essa segunda imagem.

Defronte à pequena ponte de madeira, próximo à nascente, Cocada aponta uma área aberta onde freqüentemente aparecem lobos-guarás. Segundo ele, uma organização não-governamental, que atua na região, denominada Associação para Conservação dos Carnívoros Neotropicais - Pró-Carnívoros -, tem alertado para os danos que a alimentação dos lobos pelos turistas pode causar à população lupina.

O rio deixa o Chapadão e percorre cerca de quatorze quilômetros até o topo da cachoeira Casca D'Anta. A partir desse ponto pode se divisar uma paisagem de grande valor cênico, constituída pelas serras da Canastra e da Babilônia e por uma área baixa limitada por ambas, denominada Vão dos Cândidos.

A primeira cachoeira do rio São Francisco tem 186 metros de altura e constitui um forte jorro vertical, possibilitado pelo represamento natural das águas um pouco acima da queda e por uma fenda que se abre no paredão rochoso que forma um dos limites do Vão dos Cândidos. As águas caem formando um véu concentrado que se despeja uniformemente sobre o poço da cachoeira, sem se dispersar. Pode se chegar à base da cachoeira por uma trilha de aproximadamente quatro quilômetros de extensão, que deixa o curso d'água pela sua margem direita e serpenteia pelos morros laterais, acompanhando mais ou menos as suas curvas de nível. Essa trilha termina numa área onde foram instalados dois quiosques, que dista cerca de 500 metros do poço circular formado pela cachoeira. Uma segunda trilha, marginal ao rio, segue por dentro da mata ciliar e leva à base da Casca D'Anta. Tanto em torno do poço como no leito do rio distribuem-se rochas de diversos tamanhos, algumas delas cobertas por relva. A exuberância da coloração verde da mata em torno do poço e do rio que dele desce foi notada por Saint-Hilaire, que visitou a região na segunda década do século XIX:

O verdor das plantas é de um viço extraordinário, que a proximidade das águas se encarrega de conservar.¹⁹

É também de Saint-Hilaire a informação sobre a origem do nome da cachoeira:

Casca-d'anta é o nome que dão à *Drimys granatensis*, por ser crença geral que as excelentes propriedades da casca dessa árvore foram descobertas por intermédio da anta.²⁰

Além da nascente do rio São Francisco e da cachoeira Casca D'anta, destacam-se, no Parque Nacional da Serra da Canastra, as cachoeiras dos Rolinhos e do Quilombo, o Retiro de Pedras, a Fazenda Cândia, o Curral de Pedras, a Torre Serra Brava, que constitui o pico mais alto do parque, com 1.496 metros de altura, e a Fazenda Zagaia.

Estação Ecológica de Pirapitinga

¹⁹ Saint-Hilaire, *Viagem às nascentes do rio São Francisco*, p. 105.

²⁰ *Idem*, p. 103. Durante os dias em que a equipe permaneceu em São Roque de Minas, este pesquisador buscou, sem sucesso, indicações sobre a localização de algum espécime atual da casca d'anta.

A estação ecológica possui área aproximada de 1.090 hectares e perímetro de 20 quilômetros. Foi criada por decreto federal de 1987 e está localizada no reservatório da Usina Hidrelétrica de Três Marias, em área do município de Morada Nova de Minas. Quando o nível da água no reservatório encontra-se na sua cota máxima, as terras contíguas à estação são inundadas e essa torna-se uma ilha.

A estação encontra-se numa região de relevo suave ondulado. A formação vegetal é principalmente do tipo cerrado, constituído por árvores de até 20 metros de altura e densidade variável. A estação é um dos *habitats* do lobo guará e do tamanduá-bandeira. Ocorrem ainda outros mamíferos, como a anta. Dentre as aves destacam-se as emas, os marrecos, as corujas e os pica-paus.

O acesso é feito por meio de embarcações. O embarque é feito em precários atracadouros localizados nas proximidades da Usina Hidrelétrica de Três Marias. A partir daí o trajeto fluvial é de cerca de 20 quilômetros. Durante a nossa visita fomos guiados por Rui Jarin, fiscal do posto do Ibama de Três Marias. O chefe do posto, Aristeu Nunes dos Santos, encarregou-se de providenciar os recursos de transporte para a viagem.

Pirapitinga representa a única unidade de conservação do tipo estação ecológica em Minas Gerais. A unidade atende somente a pesquisadores e agentes de educação ambiental, não estando aberta a visitação pública. Durante a visita a equipe pôde constatar o excelente estado de preservação da área de cerrado protegida pela estação. Não obstante, há denúncias, segundo Rui, de que, com a abertura da passagem por terra, provocada pela redução do nível da água do reservatório, caçadores têm invadido a área protegida.

Lagoa de Inhumas

Trata-se de grande lagoa natural localizada na área rural do município de Iguatama. Segundo informação não confirmada, fornecida por José Garcia Júnior, assessor da Prefeitura Municipal de Iguatama, trata-se da maior lagoa natural do estado de Minas Gerais, com 540 hectares de espelho d'água. José Garcia registrou ainda o fato de que o antigo proprietário da fazenda onde está a lagoa construiu um canal de ligação entre ela e o rio São Francisco, para drenar a água e aumentar a área de terra da propriedade. O proprietário atual tem tentado fechar esse canal e preservar a integridade ambiental da lagoa.

Há ainda, no município de Iguatama, duas outras lagoas importantes, a Redonda e a Preta. Ambas têm comunicação com o ribeirão dos Patos.

Problemas ambientais

Destruição de grutas e cavernas

A chamada Província Cárstica de Arcos-Pains-Doresópolis constitui região de grande importância hídrica, biótica, paleontológica, arqueológica e paisagística. As cerca de 600 grutas e cavernas, das quais 320 já foram catalogadas ou cartografadas, são responsáveis pela recarga dos veios aquíferos que alimentam os afluentes e subafluentes do rio São Francisco na região. No interior dessas cavidades proliferam os microorganismos e pequenos animais que são parte do ecossistema local. O acervo paleontológico e arqueológico é igualmente rico. Foi encontrado há três anos, na loca do Angá, no município de Córrego Fundo, o fóssil de um mastodonte pleistocênico. As grutas e cavernas da região abrigam material arqueológico de inestimável valor, cuja exploração científica é recente. Sobre os maciços que abrigam essas cavidades, cresce exuberante vegetação de cerrado e matas.

Esse complexo sistema natural tem sido sistematicamente destruído, ao longo das três últimas décadas, pela intensa exploração industrial dos calcários e dos dolomitos (cal, pó calcário e brita) que formam as grutas e cavernas da região. A extração desses minerais, de grande aplicação em setores como a siderurgia, agricultura e construção civil, tem provocado a destruição irreversível das cavidades e dos paredões rochosos sob os quais elas se abrigam. Em artigo científico publicado na Internet, o Núcleo de Geomorfologia Aplicada e Gestão Ambiental (Gagea), ligado ao Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais, qualifica de "pesadelo" a atividade econômica desenvolvida pelos empreendimentos de mineração de calcários e dolomitos na região.

A gravidade do problema gerou a intervenção, no primeiro semestre de 2002, do Ibama, do Ministério Público do Estado de Minas Gerais, do Departamento Nacional de Produção Mineral, da Polícia Florestal e da Fundação Estadual do Meio Ambiente, que, numa ação conjunta, interditaram e multaram diversas das mineradoras que atuam na Província Cárstica.

Por iniciativa do autor deste relatório, parte da equipe da Expedição visitou as instalações de um desses empreendimentos. Localizado no município de Pains, pertencente à bacia hidrográfica do rio São Francisco, a mineradora já destruiu boa parte do meio natural em torno da gruta Paranoá. Uma ampla área em frente à gruta foi desmatada. Um dos paredões rochosos, no qual se vê uma cavidade, encontra-se seriamente ameaçado pela atividade extrativa. O pó do calcário extraído espalha-se por toda a área e ouvem-se freqüentemente os ruídos da dinamitação das rochas, vindos do galpão da mineradora. Os rejeitos da atividade são jogados diretamente no rio São Miguel, que corta a propriedade e é um dos afluentes do São Francisco.

Nas margens da estrada entre Pains e Arcos estão instaladas diversas mineradoras, que se sucedem por quilômetros ao longo da rodovia.

A contradição entre a exploração econômica irracional desses minerais e a conservação do sistema natural representado pelas grutas e cavernas da Província Cárstica é bem representada pela expressão escrita numa placa afixada na entrada do município de Pains: "Pains - Capital do Calcário". Não por coincidência, segundo informações colhidas na região, os principais problemas de destruição das grutas e cavernas têm ocorrido exatamente no município de Pains.²¹

Matas ciliares

Na maior parte do Alto São Francisco as matas ciliares simplesmente não existem mais. Vêem-se apenas árvores esparsas que foram deixadas nas margens do rio, formando uma estreita faixa que não foi desmatada por razões operacionais. Além dessas poucas árvores, observam-se restos da mata nativa em locais sem interesse econômico, como os grotões e o topo dos morros. A área desmatada é ocupada majoritariamente por pastagens para o gado bovino e, em menor medida, por áreas de cultivo doméstico e por deques de pesca. Há também muitos canaviais, especialmente na região de Lagoa da Prata.

Na região do lago de Três Marias o problema é especialmente grave. A redução do volume de água represado tem provocado o aparecimento de uma larga faixa de lama marginal ao lago, onde se extinguiu a vegetação.

Esgotos e lixo urbano

O despejo de esgoto doméstico diretamente no rio ou nos seus afluentes e subafluentes é também, como na quase totalidade das cidades ribeirinhas, um dos mais graves problemas ambientais na região do Alto São Francisco. A primeira cidade a despejar o seu esgoto doméstico diretamente no São Francisco é Vargem Bonita, mas a poluição inicia-se no próprio município que abriga a nascente do rio, São Roque de Minas, cujo esgoto é descarregado no rio do Peixe, um dos seus subafluentes.

²¹ Durante a nossa visita à empresa mineradora de Pains fomos guiados por dois pesquisadores da região, que solicitaram não ser identificados. Preferiu-se, ainda, no presente relatório, omitir o nome da empresa visitada, já que ela constitui tão-somente um dentre diversos empreendimentos semelhantes instalados na região.

Na visita à área de mineração de calcário de Pains, a equipe registrou, na estrada que liga a cidade a Calciolândia, uma das demonstrações mais explícitas da poluição da bacia do São Francisco por esgoto doméstico. De um grosso tubo de concreto desce parte do esgoto da cidade de Pains, que é despejado no rio São Miguel, um dos afluentes diretos do São Francisco. Recebemos informações que no mesmo rio é descarregado, acima desse ponto, lixo hospitalar gerado pelo hospital da cidade.

Em Iguatama o assessor da Prefeitura Municipal, José Garcia Júnior, ressaltou, em contato com a equipe, a dificuldade de se implantar o tratamento dos esgotos da cidade, já que os três córregos que banham o município são independentes, o que exige, portanto, a construção de três estações de tratamento de esgoto distintas.

Em Abaeté o esgoto é despejado no rio Marmelada, afluente direto do São Francisco, depois de levado a uma lagoa de decantação localizada na região periférica da cidade. Essa lagoa está numa área residencial do bairro Amazonas, habitada por população pobre.

Poluição industrial

Foi constatado, na região de Três Marias, o problema dos rejeitos químicos resultantes da atividade industrial da Companhia Mineira de Metais. A construção de poços de contenção nas proximidades do rio São Francisco ou do lago de Três Marias contribui sobremaneira para a poluição química das águas. A partir da ponte sobre o São Francisco, em Três Marias, pode ser observado um desses poços, localizado na margem direita do rio, logo abaixo das instalações da companhia. Há informações não confirmadas, de que a empresa tem se empenhado em transferir esses poços para áreas mais distantes dos cursos d'água.

Ictiofauna

Durante as viagens fluviais, pôde-se constatar, a partir de indagações feitas aos pescadores, a escassez de peixes no rio, que repete a tendência geral de redução da ictiofauna do São Francisco. A destruição das lagoas marginais do rio, onde se reproduzem os peixes, tem agravado seriamente os danos à ictiofauna do Alto São Francisco, que o biólogo Dr. Yoshimi Sato, chefe da Estação de Hidrobiologia e Piscicultura de Três Marias, já chamou de "o nascedouro e o maior reduto de peixes do São Francisco e a região que mais contribui com águas para o rio".²² O secamento das lagoas para a instalação de lavouras de cana e pastagens é uma tendência geral

²² Expedição Américo Vespúcio 2001. *Três Marias: a reguladora do São Francisco*. In <http://www.americovespucio.com.br>.

na região. Segundo dados da Codevasf, em 1982 existiam, na região de Iguatama, cerca de 80 lagoas marginais, sendo 28 permanentes. Hoje esse número não chega a 20.²³

Um segundo fator de desequilíbrio é representado pela introdução de espécies exóticas no ecossistema do rio. O tucunaré e o bagre africano são exemplos de predadores que não existiam na região e que foram introduzidos por projetos do governo e por ranchos de pesca. Esses peixes se adaptaram bem ao novo *habitat* e passaram a devorar os peixes nativos.

Durante contato com o Dr. Sato, em Três Marias, foi ressaltada, pelo especialista, a importância fundamental do rio Abaeté, que deságua no lago de Três Marias, na manutenção da ictiofauna do reservatório, por apresentar, no verão, água turva, quente e em volume razoável, características que estimulam a reprodução e o crescimento dos peixes.

Irrigação

Durante a viagem pelo trecho fluvial entre Iguatama e Lagoa da Prata, fomos informados, por dois pescadores que preferiram não se identificar, que a Usina Luciânia, empresa de plantio de cana-de-açúcar instalada em Lagoa da Prata, coleta água diretamente do rio São Francisco, por meio de um tubulão de 300 milímetros de diâmetro. A utilização generalizada das águas do rio e dos seus afluentes para a irrigação agrícola é um dos fatores de diminuição do seu volume na região do Alto São Francisco.

Ações de proteção ambiental ²⁴

Projeto Anjos do São Francisco

A Polícia Militar de Minas Gerais, em parceria com o Ibama, promoveu, em junho de 2002, na cidade de São Roque de Minas, o Curso de Capacitação dos Agentes Ambientais Voluntários, que passaram a atuar na educação ambiental e na fiscalização, podendo emitir autos de constatação de crimes ambientais e recolher material predatório. Os agentes ambientais, chamados de "anjos do São Francisco", são escolhidos entre pessoas com atuação comunitária voltada para a

²³ *Idem.*

²⁴ Merecem menção, como tentativas de proteção legal do meio ambiente do São Francisco, as leis do estado de Minas Gerais de números 9375/86, que protege as veredas do rio, 10629/92, que o transforma em rio de preservação permanente (com alteração importante dada pela 12016/95), 11943/95, que protege as lagoas marginais do rio e dos seus afluentes, e a 14007/01, que transforma o trecho mineiro do São Francisco em patrimônio cultural, paisagístico e turístico do estado. Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais. *Banco de dados Legislação Mineira*. <http://www.almg.gov.br>. O estado da Bahia declarou, por seu turno, na sua Constituição, patrimônio estadual os vales e as veredas dos afluentes da margem esquerda do rio. Secretaria de Governo do Estado da Bahia. Sistema de Legislação do Estado da Bahia. *Constituição do Estado da Bahia*. <http://www.bahia.ba.gov.br>.

preservação do meio ambiente e da qualidade de vida. Na primeira turma foram formados 30 agentes.

Observações finais

Durante a visita a Morada Nova de Minas, alguns locais citados na lista preliminar de bens a serem pesquisados não o foram, pelas razões expostas a seguir. As cachoeiras da fazenda de João da Ambrozina são distantes da cidade, exigem uma travessia de balsa e, por serem quedas d'água comuns, não constituem bem natural invulgar, que requeresse documentação específica. O Pontal Praia Clube e o Recanto das Bugarvílias são empreendimentos hoteleiros e de lazer de instalação recente, sem interesse do ponto de vista ambiental ou cultural.

EMBARCAÇÕES, NAVEGAÇÃO E USINA HIDRELÉTRICA

Embarcações e navegação

Como a segunda etapa da Expedição Engenheiro Halfeld foi realizada principalmente por via terrestre, poucas observações puderam ser feitas sobre as características do Alto São Francisco nos aspectos de navegabilidade e tipos de embarcação que por ele circulam. Essas observações concentraram-se nos trechos aquáticos percorridos por este pesquisador, descritos no capítulo *Meio ambiente* do presente relatório.

Nos trechos de Iguatama a Lagoa da Prata e da Cachoeira Grande a Pirapora predominam, devido às difíceis condições de navegabilidade do Alto São Francisco, as embarcações de menor porte, representadas por barcos a motor e canoas a motor ou a remo. A grande maioria servem a pescadores da região ou a pescadores amadores que se hospedam nos ranchos de pesca instalados nas margens do rio. A pesca é feita com varas simples, com lanças ou com redes. A pesca com lança, conhecida como "de fisga", é feita à noite: o pescador fica de pé na proa do barco e, iluminando a água com um farol, utiliza uma lança de cerca de três metros e meio de extensão para fisgar o peixe. A pesca legal com rede exige que cada artefato seja identificado com uma pequena placa afixada no local onde está estendido. Nessa placa é informado o nome do dono da rede e a permissão do Ibama para a atividade. Há também muitos pescadores que pescam sentados nas margens, sem embarcação.

Nos dois trechos viajamos em grupos de três pessoas em cada um dos dois barcos. São barcos comuns de alumínio, a motor, de medidas aproximadas de 4,5 metros de comprimento por 1,5 metros de largura. Normalmente descobertas, em cada uma das embarcações foi instalado um toldo para proteção contra o sol. A velocidade média em cada um dos trajetos variou em torno de nove quilômetros por hora, devendo-se registrar que foram atingidas velocidades máximas próximas de 39 quilômetros por hora. O trecho entre Iguatama e Lagoa da Prata foi coberto em duas horas de viagem e o da Cachoeira Grande a Pirapora em 13,5 horas.

O lago de Três Marias conta com diversificado serviço de transporte por balsas, que partem dos portos Novo, das Melancias, Indaiá de Cima, Indaiá de Baixo e São Vicente, localizados em áreas distintas da represa. Esses portos podem ser alcançados por estradas de terra que os conectam a cidades e povoados da região. A equipe da Expedição utilizou uma dessas balsas para deixar Morada Nova de Minas em direção a Três Marias, via Porto Novo. O trajeto é feito em 20 minutos numa embarcação que carrega até 25 mil quilos, ou 26 automóveis comuns.

Usina Hidrelétrica de Três Marias

Durante a permanência na cidade, a equipe esteve nas instalações da Usina Hidrelétrica de Três Marias. A visita ao local não teve por objetivo conhecer a usina, mas sim a Estátua do Índio, monumento que constava da relação preliminar de bens culturais a serem pesquisados. Ainda assim, foi fotografada uma das seções da usina, sobre a qual seguem alguns dados de referência.

A operação da usina, sob a responsabilidade da Companhia Energética de Minas Gerais, iniciou-se em 1962. Na época de sua construção, que constituiu grande desafio tecnológico, Três Marias estava entre as maiores barragens de terra do mundo. A barragem tem 3,25 quilômetros de extensão e altura máxima de 56,9 metros. O reservatório tem 1.040 quilômetros quadrados de espelho d'água e permite o armazenamento de 15,278 bilhões de metros cúbicos de água.

As seis unidades geradoras garantem uma potência instalada de 396 megawatts, produção energética que é a mais baixa dentre todas as usinas hidrelétricas construídas ao longo do rio São Francisco. Com efeito, mais do que a geração de energia elétrica, a construção de Três Marias objetivou solucionar os problemas das cheias periódicas do rio e dos longos períodos de estiagem, além de melhorar as condições de navegação do São Francisco e permitir a instalação de projetos de irrigação. O efeito regulador exercido pela barragem possibilita a navegação do trecho Pirapora – Juazeiro em qualquer época do ano.

Ao contrário do lago de Sobradinho, cuja construção exigiu o alagamento de centros urbanos, o enchimento do reservatório de Três Marias inundou apenas áreas rurais e naturais, como propriedades agrícolas, pastagens e campos. Segundo informações prestadas por Alisson Faria Braga, secretário de Turismo e Meio e Ambiente de Morada Nova de Minas, quando as águas do lago estão baixas, aparecem vestígios de antigas construções rurais, tais como currais e instalações de produção de derivados de açúcar e de farinha de mandioca.

ASPECTOS SOCIAIS

Produção de queijo canastra - São Roque de Minas

A equipe visitou a Fazenda São Jerônimo, na localidade de Capão Forro, no município de São Roque de Minas. Fomos recebidos pelo proprietário, Francisco Chagas Neto. Na propriedade há fabricação de queijo canastra, em pequena escala. Segundo informações do fabricante, uma bactéria presente no solo da região é o fator responsável pela alta qualidade do produto.

Projeto Piloto para Criação Intensiva de Peixes em Tanques e Redes - Morada Nova de Minas

Um convênio entre o Ministério da Integração Nacional, a Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco e a Prefeitura Municipal de Morada Nova de Minas permite a existência dessa estação de piscicultura. Segundo informações de Alisson Faria Braga, secretário de Turismo e Meio Ambiente de Morada Nova de Minas, a estação surgiu há cerca de três anos, quando se construiu uma barragem a jusante do rio Guarará, o que permitiu o represamento de uma parte da água do lago de Três Marias, formando o reservatório. Nele são criadas tilápias, para comercialização local.

Estação de Hidrobiologia e Piscicultura de Três Marias

A estação tem como objetivos a produção de alevinos para peixar a represa de Três Marias, o desenvolvimento de pesquisas hidrobiológicas, ictiológicas, limnológicas e de dinâmica de populações, a identificação dos criatórios naturais, representados pelas lagoas marginais do lago, e a construção de lagoas de peixamento.

Nos tanques de alevinagem são cultivadas espécies como o curimatã, o piaui verdadeiro, o dourado, o surubim, o matrinchã e o pirá, dentre outras.

Segundo ressaltou, em entrevista para a equipe da Expedição, o biólogo Yoshimi Sato, chefe da estação, a função principal da unidade é a geração de conhecimento e tecnologia na sua área de atividade. A construção da estação resultou de convênio entre a Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco e Companhia Energética de Minas Gerais.

Centro de Apoio ao Pescador - Três Marias

Segundo informações de Barbara Johnsen, secretária de meio ambiente do município de Três Marias, o centro atua tanto no apoio aos pescadores da região, oferecendo cursos de agregação de valor ao pescado (filtragem, defumação, taxidermia), quanto na educação ambiental, realizada por meio de cursos voltados principalmente para a população estudantil de Três Marias.

O centro, ainda segundo a secretária, foi construído com recursos do Programa Nacional de Meio Ambiente e é coordenado pela prefeitura de Três Marias.

Durante visita à unidade, o vice-prefeito do município, José Antônio Vicente de Souza, que acompanhava a equipe, informou-nos que os tanques de alevinagem, em fase de implantação e início de funcionamento, deverão produzir peixes tanto para o repovoamento do rio São Francisco, quanto para a pesquisa e a oferta de cursos de engorda de peixes em cativeiro para pescadores e produtores rurais. Há um tanque de criação de piau verdadeiro que já se encontra em funcionamento.

Os projetos do centro incluem ainda uma unidade de beneficiamento do pescado e um viveiro de mudas, cujas instalações já estão prontas, devendo entrar em funcionamento proximamente.

O QUE FALTOU

Na relação que segue abaixo foram arrolados aqueles locais e temas que, na percepção pessoal deste pesquisador, têm importância no contexto da Campanha São Francisco Patrimônio Mundial e que, não obstante, por razões variadas, não foram explorados durante a segunda etapa da Expedição. A ordem em que esses locais e temas aparecem a seguir corresponde à seqüência da viagem.

Canyon ao lado do rio São Francisco, no trecho entre Vargem Bonita e Doresópolis. Segundo informações da bióloga Paula Vieira Teles e do guia de campo Jefferson Luís, trata-se de formação natural de grande beleza cênica.

Sítio arqueológico do Catingueiro (?), em Lagoa da Prata. Localizado a cerca de 500 metros da margem direita do rio São Francisco, este sítio, segundo o guia de campo Jefferson Luís, possui inscrições rupestres.

Interior do prédio da rua 209, n. 266, em Iguatama. Segundo informações locais, esta edificação, que teve documentada somente a sua fachada externa, possui interior com características artísticas de relevo.

Bom Despacho. A cidade possui acervo arquitetônico relevante para a pesquisa, como os prédios do Batalhão, da praça da Estação e da Fazenda Colônia. Há informações de que o museu local abriga peças de interesse arqueológico. Em contato com agentes culturais da cidade, foi lembrada a festa da Catira, promovida por cavaleiros da região, que poderia ser agendada especialmente para a equipe de pesquisa.

Pompéu. Segundo a secretária de Assistência Social, Cultura, Turismo e Desportos do município, Helyzabeth Kelen Tavares Campos, a cidade possui o que ela denomina um "complexo de fazendas", sendo mais de 40 delas do período colonial. Essas edificações possuem especial interesse por terem sido fundadas

por descendentes da famosa proprietária rural Joaquina de Pompéu, que, nascida em 1752, lá viveu a maior parte da sua vida. A prefeitura da cidade está investindo num projeto de revitalização desse patrimônio, tendo se realizado, entre 20 e 25 de agosto de 2002, a comemoração dos 250 anos de nascimento da matriarca.

Capela da Imaculada Conceição, em São Gonçalo do Abaeté. Segundo *folder* de divulgação das atrações turísticas do Circuito Lago de Três Marias, a capela foi construída no século XVIII e é tombada pelo "patrimônio cultural" (?).

Este pesquisador sugere enfaticamente visitas técnicas às cidades de Bom Despacho e Pompéu, tendo em vista a relevância do acervo acima mencionado. Já houve contatos com representantes municipais e agentes culturais das duas cidades, que aventaram a possibilidade de apoio das prefeituras municipais ao trabalho de documentação dos seus bens.

BIBLIOGRAFIA

ACERVOS DO SÃO FRANCISCO. Catálogo compilado para a Expedição Engenheiro Halfeld.

ALMEIDA, Rosa Pedroso de. *Geografia e História do Município de Barreiro Grande*. Texto inédito.

ALMANAQUE ABRIL. Edição Brasil 2001. Editora Abril, 2001.

ANASTASIA, Armando. 'A descoberta de um nôvo Aleijadinho'. In *Estado de Minas*, 20 de novembro de 1971.

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MINAS GERAIS. *Banco de dados Legislação Mineira*. <http://www.almg.gov.br>.

ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DE ANDREQUICÉ. *Memorial Manuelzão*. Três Marias, julho de 1999.

BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Dicionário Histórico-geográfico de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1995.

BARBOSA, Waldemar de Almeida. *História de Dores do Indaiá*. Dores do Indaiá, 1985.

CENTRO DE CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE BENS CULTURAIS MÓVEIS. Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais. *Nossa Senhora da Piedade de Felixlândia, Minas Gerais*. Texto inédito.

CENTRO DE CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE BENS CULTURAIS MÓVEIS. Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais. *Restauração de Nossa Senhora da Piedade de Felixlândia. Relatório Final*. Belo Horizonte, julho de 2001. Texto inédito.

COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO DO VALE DO SÃO FRANCISCO. <http://www.codevasf.gov.br>

COMPANHIA ENERGÉTICA DE MINAS GERAIS. *Usina Hidrelétrica de Três Marias*. <http://www.cemig.com.br>.

COMPANHIA SIDERÚRGICA NACIONAL. *Compromisso com a vida [e outros textos técnicos, de diversos autores]*. Textos inéditos.

CORRÊA, C. Cunha. *Serra da Saudade*. Belo Horizonte, 1948.

CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. Rio de Janeiro: Otto Pierre Editores, 1979. 2 v.

Expedição Américo Vespúcio 2001. *Três Marias: a reguladora do São Francisco*. In <http://www.americovespucio.com.br>.

GUIA RODOVIÁRIO QUATRO RODAS. Editora Abril. 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS. <http://www.ibama.gov.br>.

LANARI, Vittório. 'Desvendando os mistérios de um gênio'. In *Estado de Minas*, 9 de julho de 1988.

MAPA do Estado de Minas Gerais. Osasco: Geograf Didática Ltda., 2000.

NOSSO JORNAL. *O que herdamos dos índios abaeté?* <http://www.abaete.com>.

OS CANASTRAS. <http://www.canastra.com.br>.

OLIVEIRA, José Alves de. *História de Abaeté*. Imprensa Oficial, 1970.

PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DO PATROCÍNIO. Diocese de Luz. *Calendário Paroquial - 2000*. Abaeté.

PIERSON, Donald. *O homem no vale do São Francisco*. Rio de Janeiro: Ministério do Interior. Superintendência do Vale do São Francisco, 1972. 3 t.

PREFEITURA MUNICIPAL DE TRÊS MARIAS. Divisão de Cultura. *Dados sobre o Distrito de Andrequicé*. Texto inédito.

PREFEITURA DE TRÊS MARIAS. *Dicionário escolar com a história do município*. Três Marias, Administração 1997-2000.

PREFEITURA MUNICIPAL DE IGUATAMA. *Dossiês de tombamento de diversos bens municipais*. Textos inéditos.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem às nascentes do rio S. Francisco*. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1975.

SANTOS, Márcio. *Expedição Engenheiro Halfeld. Relatório de pesquisa de campo*. Belo Horizonte, dezembro de 2001.

SECRETARIA DE GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA. Sistema de Legislação do Estado da Bahia. *Constituição do Estado da Bahia*. <http://www.bahia.ba.gov.br>.

UNESCO World Heritage Centre. *The World Heritage List*. <http://www.unesco.org>.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Instituto de Geociências. Centro de Pesquisa Prof. Manoel Teixeira da Costa. Núcleo de Geomorfologia Aplicada e Gestão Ambiental (Gagea). *Carste*. <http://www.igc.ufmg.br/hpgagea/inicio.htm>.

WERNECK, Gustavo. 'Ganância não deixa pedra sobre pedra'. In *Estado de Minas*, 6 de abril de 2002.

ANEXO

QUALIFICAÇÃO DO AUTOR

Márcio Santos

Licenciado em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especializado em Formação Política e Econômica da Sociedade Brasileira pelo Centro Universitário Newton Paiva. Mestrando em História no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais.

Autor do livro *Estradas Reais: introdução ao estudo dos caminhos do ouro e do diamante no Brasil* (Belo Horizonte: Editora Estrada Real, 2001). Pesquisador das rotas históricas de ocupação do interior brasileiro. Participante de três expedições de pesquisa realizadas pela Estrada Real. Participante das duas etapas da Expedição Engenheiro Halfeld, pelo Rio São Francisco.

Contato: marcio@bhlink.com.br ou (31) 99747704